



SINPAPEL 75 ANOS

Pág. 16

EDITORIAIS



EDITORIAIS PUBLICADOS NO SINPAPEL NOTÍCIAS

Confira as principais edições dos "Editoriais" publicados no Sinpapel Notícias, no decorrer dos anos.

Pág. 3

TRABALHISTA



COMPROMISSO E SUPORTE ÀS ASSOCIADAS NAS RELAÇÕES TRABALHISTAS

Artigo de autoria de Mário Pinto de Oliveira, Diretor Trabalhista do SINPAPEL.

Pág. 13

TRIBUTÁRIO



DIFERIMENTO DO ICMS PARA AQUISIÇÃO DE EMBALAGENS

As indústrias mineiras de embalagens sofriam com a concorrência de indústrias de outros estados.

Pág. 15

DIREITOS X PRIVILÉGIOS:

ARTIGO DE AUTORIA DE FLÁVIO ROSCOE PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE MINAS GERAIS - SISTEMA FIEMG

Pág. 21

BOAS PRÁTICAS:

SINDICATO – A VOZ DA INDÚSTRIA – POR MARIA RITA PASSOS SANTANA, ASSESSORA DE RELAÇÕES SINDICAIS DA FIEMG

Pág. 22

CARTILHA:

A EVOLUÇÃO DA EMBALAGEM O CONTEÚDO DA CARTILHA PERCORRE A LINHA DO TEMPO - DAS CAVERNAS AOS DIAS ATUAIS

Pág. 23

SENAI CECOTEG:

QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL ESPECIALIZADA EM MÃO DE OBRA PARA AS INDÚSTRIAS DOS SETORES EMBALAGEM, GRÁFICOS, DESIGN, COMUNICAÇÃO

Pág. 24

75 ANOS

Foi no longínquo e atribulado ano de 1943 - em plena Segunda Guerra Mundial - que um grupo de visionários pequenos industriais Mineiros que militavam no setor de fabricação de papel, papelão e seus artefatos - além dos produtores de artigos de cortiça - que naquela época tinham alguma relevância - decidiram se congregarem em um sindicato para debater temas e questões diretamente afeitas ao setor e para tanto fundaram o Sinpacel - denominação original do sindicato que somente anos depois no início dos anos 2000, sob a gestão do presidente Cledison Itaborahy, veio a alterar a sua denominação para Sinpapel.

Algumas mudanças de sede no decorrer dos anos, fizeram com que parte do registro histórico das gestões anteriores à do presidente Milson Sebastião de Souza Mundim - 1997/2000 se perdessem. Nesta edição, num esforço imenso, trouxemos à tona parte da história que garimpamos nos arquivos jornalísticos existentes, que retratam a trajetória das empresas do setor no nosso Estado.

Devido à grande dimensão territorial de Minas Gerais, foi considerado natural que tivesse havido a dispersão de empreendimentos do nosso setor por todo o Estado, notadamente e inicialmente na região da Zona da Mata - a Manchester Mineira, como ficou conhecida no passado - e pelas divisas de São Paulo - maior centro industrial do nosso setor - com as regiões do Triângulo Mineiro e do Sul de Minas. As grandes distâncias entre estas regiões, propiciaram que cada cidade mais importante da região, atraísse e concentrasse a instalação de empreendimentos diversos, fazendo com que cada uma delas se tornasse, em parte, autossuficiente em matéria de produtos oriundos das empresas do setor.

Com a instalação da Cenibra em Belo Oriente na década de 1970, acrescentou-se uma nova região industrial e um novo produto ao portfólio das empresas Associadas ao sindicato, o que motivou a mudança e a atualização da denominação do sindicato, que no entanto continuou estatuído como sindicato de base Estadual.

Fundado como o primeiro do setor no nosso Estado, o Sinpapel, a exemplo de alguns poucos outros sindicatos patronais, permanece como único,



Antônio Eduardo Baggio - Presidente

pois congrega todas as indústrias de celulose, papel e papelão situadas no nosso Estado.

Acrescem-se às atividades industriais acima elencadas, uma miríade de indústrias dos mais variados portes e situadas em todas as regiões do Estado que fabricam artigos e artefatos que utilizam em sua composição as matérias-primas de origem celulósica.

Ao plantar as árvores das quais se extrai a celulose que é matéria-prima para um sem-número de produtos e tem inúmeras aplicações industriais;

Ao fabricar papéis, papelões, polpas moldadas e seus artefatos;

Ao reciclar todos estes produtos, transformando-os em novos artigos, também com inúmeras aplicações, as indústrias associadas ao Sinpapel, participam de maneira decisiva para o desenvolvimento do nosso Estado, com uma contribuição que vai muito além do fator econômico e se insere no âmago da tônica que deverão ter as sociedades desenvolvidas do futuro, que deverá ser o cuidar permanente pela sustentabilidade e a proteção constante dos meios ambientais da nossa sociedade.

Que a estes 75 anos iniciais se acrescentem muitos outros à esta entidade que tem todos os bons atributos para congregar, defender e propugnar o futuro das "únicas indústrias que produzem produtos, concomitantemente 100% de origem Renovável, pois procedem de florestas plantadas pela mão do homem com a finalidade de se transformar em celulose, 100% Biodegradáveis, pois mesmo quando, e se, dispersos no meio-ambiente, os produtos se degradam em pouco tempo, 100% Compostáveis, pois quando, e se, misturados a outros rejeitos orgânicos se decompõem conjuntamente e 100% Recicláveis, pois podem ser infinitamente reciclados em novos materiais e produtos."

Nunca 75 Anos representaram tão bem uma atividade de futuro.

EXPEDIENTE

SINPAPEL

Rua Bernardo
Guimarães, 63 - 3º andar
Funcionários - BH - MG

Tel.: (31) 3282 7455

e-mail: sinpapel@fiemg.com.br
www.sinpapel.com.br

SINPAPEL NOTÍCIAS É UMA PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE, PAPEL E PAPELÃO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

DIRETORIA EXECUTIVA: • Presidente - Antônio Eduardo Baggio • 1º Vice-Presidente Financeiro - Edson Gonçalves de Sales • 2º Vice-Presidente Financeiro - Augusto César Fávero Lima • 1º Vice-Presidente Administrativo - Romano Barbieri Filho • 2º Vice-Presidente Administrativo - Antônio Adonias Santos Borges • Suplentes - Marcelo Eduardo Rocha Baggio, Gustavo Bernardes Ferreira e Fabrício Campolina Barbieri, Conselho Fiscal - Alexandre de Miranda Gonçalves, Sérgio Murilo dos Santos e Gustavo Rocha Baggio • Suplentes Conselho Fiscal - Heitor Sbampato Ferreira, Carlos Alberto Gonçalves Bastos e Alessandro Alves Bandeira • Delegados junto à FIEMG - Antônio Eduardo Baggio e Edson Gonçalves de Sales • Suplentes de Delegados - Marcelo Eduardo Rocha Baggio e Alexandre de Miranda Gonçalves • DIRETORIA DE PASTAS ESPECÍFICAS • Diretoria de Meio Ambiente - Nícia Beatriz Monteiro Mafra • Diretoria de Mercado • Adermo Oscar Costa • Diretoria Técnica - Marcelo Eduardo Rocha Baggio • Diretoria de Relações Trabalhistas - Mário Pinto de Oliveira • Diretoria Gerencial - Alessandro Alves Bandeira • Diretoria da Área de Transformação - Wanderley de Almeida Siqueira • Diretoria de Expansão - Sérgio Murilo dos Santos • PROJETO EDITORIAL - i10as bkww • DIAGRAMAÇÃO - Ricardo Sodré (RS Comunicação Tecnologia).

Precisamos interagir para ampliar nosso espaço



Cledison Itaborahy - Presidente do SINPAPEL

RAIO X

- **Nome:** Cledison Itaborahy
Presidente do SINPAPEL
- **Empresa:** Paraibuna Embalagens
- **Endereço:** Av. Antônio Simão Fijam, 1265 - Distrito Industrial Juiz de Fora - MG - CEP: 36092-000
Fone: (32) 3239-4019
Fax: (32) 3239-4001
E-mail: diretoria@paraibuna.com.br
- **Produtos:** embalagens de papel, papelão ondulado, chapas de papelão ondulado, caixas de papelão ondulado, embalagens em polpa moldada

A informação é o bem mais precioso em tempos de globalização. Associado ou não ao SINPAPEL, você com certeza já ouviu essa frase, dita por dez entre dez especialistas em gestão empresarial e tendências modernas.

O que queremos dizer ao iniciar nosso primeiro jornal *Sinpaapel Notícias* com essa afirmação é que, hoje, tornou-se praticamente impossível vivermos de forma isolada, sem conhecer a realidade do mundo que nos cerca. Nossa intenção é ressaltar que nada é mais importante atualmente do que conhecer e deter as informações que afetam nossos negócios e influenciam diretamente nossas vidas.

A Diretoria do SINPAPEL acredita que as empresas que estiverem alinhadas com esta filosofia, de trocar conhecimentos e experiências, irão, certamente, sobreviver e alavancar sua participação no mercado. Por isso, estamos comprometidos em mudar a forma como as empresas do setor de Celulose, Papel e Papelão interagem entre si e com o próprio SINPAPEL, acreditando firmemente na união de esforços para o crescimento de nossas indústrias. Queremos mostrar a você,

empresário, como é possível tornar um Sindicato forte e ativo, influente e útil para o associado, na medida em que todos contribuam para o seu engrandecimento. E não falo apenas das empresas ligadas ao setor. Precisamos também de uma Federação mais contributiva, que facilite o acesso dos empresários aos seus serviços e abra efetivamente as portas a todos os perfis de industriais, sejam eles micros, médios ou grandes.

Queremos destacar nosso sentimento de que ainda existe uma certa distância entre as pequenas empresas e as megacorporações, fato que dificulta a participação das empresas menores no associativismo, já que elas não se encontram à vontade para fazer valer seus direitos ou apresentar suas opiniões. Nosso propósito é, verdadeiramente, mudar esse aspecto, que consideramos altamente prejudicial. Para isso, o primeiro passo é fortalecermos ao máximo nossa entidade, com a participação das empresas que ainda não são associadas. Paralelamente, continuaremos agindo no sentido de interceder junto à Fiemg para uma ampliação da utilização dos produtos e serviços oferecidos pela Federação às empresas do nosso segmento. Vamos continuar nossa luta e contamos com você para cumprirmos nossa missão.

Momento de definição

Empresas que farão parte do CIP se reúnem com prefeitos e secretários de quatro municípios

Os representantes da maioria das empresas subscritoras de áreas industriais no Condomínio Industrial do Papel (CIP) estiveram reunidos com os secretários das Prefeituras de Vespasiano e Sete Lagoas e os secretários e prefeitos de Santa Luzia e Lagoa Santa, no dia 13 de maio, para conhecer as condições de atratividade de cada município, com exposição da infra-estrutura e vantagens que as cidades têm a oferecer ao nosso projeto.

Na reunião, foram apresentadas as fotos tiradas dos terrenos visitados pela Comissão de

Instalação (C.I.), com explanação e explicação sobre as condições de infra-estrutura, topografia e acesso de cada um dos mesmos.

Em seguida a cada apresentação da C.I., abrimos espaço para que - um a um - todos os secretários e/ou prefeitos pudessem falar das vantagens que seus municípios podem oferecer ao conjunto de empresas do CIP, além de ressaltar as melhores características das comunidades e as realizações de suas gestões no trato com o empresariado e a população.

A fim de aumentarmos a nossa segurança na decisão de escolha da



localidade que sediará o CIP, a C.I. resolveu convocar novamente todos os representantes das empresas subscritoras, para visita - in loco - dos terrenos mais bem posicionados na pesquisa de opinião que foi efetuada após a reunião do dia 13 de Maio.

O processo de escolha do município que sediará o CIP deverá estar concluído até o início do mês de julho, ocasião na qual serão celebrados os documentos da entidade que representará os interesses das empresas do CIP junto à prefeitura do município escolhido.

Objetivos alcançados com esforço e determinação

Ao iniciarmos a nossa gestão há 12 meses, a diretoria do SINPAPEL traçou objetivos que vêm sendo alcançados graças à consecução metódica e determinada, para a qual tem concorrido a doação do tempo e dos melhores esforços de todos os diretores e associados.

Iniciamos nossos trabalhos tendo em mente um espírito conciliador e cooperativo, sob a égide da ética e transparência, que proporcionasse uma interação mais *afidável* entre os profissionais das empresas do quadro associativo e que se traduzisse em um adensamento da importância de estarmos juntos sob um mesmo teto para - por pelo menos uma vez por mês - discutirmos nossos planos para o setor.

Para tanto, instituímos um calendário anual das reuniões de diretoria e concomitantemente um calendário para as reuniões dos 5 sub-setores, alternadamente, propiciando o encontro exclusivo das empresas de cada sub-setor pelo menos 1 vez a cada semestre.

Retornamos ao nosso antigo endereço, em instalações mais modestas, mas sem que o custo da estrutura anterior continuasse a pesar sobre nossas finanças. Em 27 de outubro mudamos de local no mesmo andar, para uma instalação mais ampla.

Reformulamos nesse site www.sinpapel.com.br, nosso informativo SINPAPEL. Notícias e lançamos o informativo SINPAPEL On Line com periodicidade bimensual. Para tanto, foi de importância fundamental o apoio que obtivemos do patrocínio de ânimos de empresas associadas e fornecedores.

Instituímos o projeto Fale Direto em horário antecedente às nossas reuniões mensais de diretoria no qual temos apresentado temas de relevância para todas as áreas das nossas empresas, propiciando a oportunidade de realização de bons negócios para os palestrantes, para os associados e para o SINPAPEL, que recebe um valor de tabela pelo tipo de tema proposto e número de empresas associadas presentes à palestra.

O Condomínio Industrial do Papel - projeto proposto pela vice-presidência de

meio-ambiente da gestão anterior e acolhido pelo então presidente, Sr. Cláudio Itaborahy, foi totalmente reformulado e detalhado.

Foi nomeada uma Comissão de Instalação para analisar os projetos propostos pelos associados e as áreas ofertadas pelas 12 Prefeituras candidatas a sediar o projeto. A Comissão de Instalação do CIP visitou 15 áreas em diversas localidades, realizando inúmeras reuniões com os prefeitos e secretários, além de consultas a órgãos técnicos diversos e aos departamentos competentes da FIEMG.

Durante o desenvolver do processo, a Presidência da C.I. manteve contatos com o IEL, SENAI e INDI, além de coordenar reuniões com a participação de todos os Condomínios com empresas de consultoria de financiamento e agentes de fomento, visando ao financiamento das partes condominiais e dos projetos de instalação das empresas.

Todo o processo de definição da localização do CIP foi conduzido de maneira consultiva e democrática de forma a atender aos interesses primários de todas as empresas interessadas e habilitadas a se associarem no empreendimento. A constituição da ASCIPAPEL em outubro/2004, como entidade jurídica gestora do CIP e das relações entre as empresas é o passo final para concretização deste projeto relevante para o futuro das empresas que lá irão se instalar.

Acolhendo manifestações dos associados, levamos à análise e aprovação do presidente da FIEMG a nossa proposta de nominar o Condomínio Industrial do Papel da Unidade Dr. Robson Braga de Andrade em reconhecimento dos seus pares pela competência, ética, lealdade e discórdio do futuro das nossas empresas.

Em 03 de Dezembro, vindo no bojo de inúmeras medidas e projetos lançados pelo executivo estadual em apoio ao desenvolvimento e revitalização da indústria mineira, assinamos juntamente com o Excm. Sr. Governador Aécio Neves e o secretário de



Desenvolvimento Econômico, Dr. Wilson Nêlio Brumer, representando o BDMG, um protocolo de apoio ao financiamento para obras civis e maquinária para as empresas participantes da ASCIPAPEL.

O bom trabalho prestado pela nossa colaboradora Sra. Maria Lúcia tem agora a coordenação da Sra. Soraya, que, contratada há pouco tempo, tem se revelado uma importante aliada para a consecução dos projetos do SINPAPEL, ao mesmo tempo em que prepara a casa para receber, analisar e transmitir as informações, dados e conhecimentos requeridos pelos associados e a sociedade, prestando desta forma inestimáveis serviços a todos.

Para 2005, além da continuidade do trabalho de implantação do CIP, temos como objetivo equipar o Cecotec/SENAI para habilitá-lo a ministrar cursos de impressores flexográficos banda larga e criar uma política de qualidade para as empresas menores com a utilização do laboratório ali instalado.

Desejamos a todos um 2005 repleto de luz e trabalho.

Editorial Nº 06
Ano 2004

Fé e luta na construção de um Brasil com ética e justiça

"Faz votos a todos para que possamos presenciar junto com as nossas famílias um feliz 2006 com muita saúde, paz e justiça, e que esse novo ano seja o início de um venturoso tempo de dignidade para o nosso povo".

Ao findarmos mais um ano econômico e politicamente conturbado, durante o qual as forças geradoras de valores foram representadas entre outras poucas classes pelo empresariado destemido, criativo e abnegado desse nosso país, devemos agradecer a todos que contribuíram conosco. Essa união foi essencial para que mantivéssemos nosso espírito de luta e fé inquebrantáveis na construção de um Brasil para os nossos filhos e netos onde haja probidade, ética, trabalho, justiça e progresso para todos.

Nadando em rio caudaloso de escândalos e imoralidades e pisando de vorazes pirâmides que querem morder com novas "contribuições" a cada dia da vida, nós, os empresários dessa terra tupiniquim, para darmos conta dessa situação, devemos ter sido batizados por alguma ninfa ao termos nascido com estômago para tolerar o risco, o imprevisto, o injusto, o demorado, o imprevidente e o irresponsável, além do roubo, da mentira, da violência e da locupletação, atributos correntes notadamente entre as classes escolhidas, para defender os direitos do povo e as contratadas para prestar-lhes serviços.

Assistimos passíveis ao roubo perpetrado nas nossas "cadernetas de compras" pelo gerente de plantão do armazém que afana valores crescentes para fazer frente à sanha do senhorio e sua ganância por maiores juros na contra partida do arrendamento do ponto comercial.

Um vice-presidente denunciando o absurdo de situação não está diante suficiente para mudar esse estado das coisas, pois os interesses alimentam muitos aliados fortes aqui e lá fora e em todos os níveis de atividades da sociedade.

Juros estratosféricos, informalidade crescente, sonegação contumaz, voracidade fiscal, infra-estrutura imprevidente e deficiente, excesso de regulamentação trabalhista e tributária, descaso com os aposentados, inconseqüência social com os desvalidos etc.

A pergunta que não irá calar é até onde chegará nossa capacidade e tolerância em não nos indignarmos com o descabido político-administrativo a que temos assistido.

Quais ensinamentos deixaremos para as futuras gerações? Que Brasil honrará os ideais de luta, progresso, patriotismo, competência e ética de Mineiros ilustres como Joaquim José da Silva Xavier, Alberto Santos Dumont, Juscelino Kubitschek de Oliveira e Tancredo de Almeida Neves?

Sabemos todos que temos feito a nossa parte ao nos dedicarmos com afinco ao trabalho, buscando o progresso das nossas empresas e, por extensão, dos nossos trabalhadores.

A prova maior está no conteúdo desta edição do nosso SINPAPEL. Notícias, na consecução do Condomínio Industrial do Papel, na aquisição de máquinas para montagem de curso de impressores pelo SENAI-Cecotec e outros trabalhos e ações aos quais a Diretoria do nosso sindicato tem se dedicado nos últimos dois anos, e nas inúmeras realizações da FIEMG como um todo, sob a batuta do maestro Robson Braga de Andrade.

Mas temo ser isso pouco hoje, diante do câncer que se instalou no organismo da sociedade. Devemos fazer mais. Participar ativamente do debate que se impõe a todos os cidadãos de bem e a todas as classes



Editorial Nº 10
Ano 2006

O ontem e o amanhã

Prezados Associados,

Este dezembro assinala o fim do mandato de atual diretoria do nosso SINPAPEL e também o início de uma nova jornada desta quase mesma diretoria num a um segundo período à frente do sindicato.

Novos desafios estarão à frente a exigir muito trabalho, dedicação e tempo e dedicação de todos os diretores, como ocorreu durante a atual gestão.

No discurso da nossa posse em dezembro de 2003, enumeramos alguns desafios que colocamos como meta da nossa administração, e todos, sem exceção, foram enfrentados e vencidos graças ao senso de perspectiva e ao labor dos companheiros que se dispuseram então e agora, novamente, a doar parte do seu tempo às causas, realizações e lutas do nosso setor.

Com um arco de abrangência, que vai da participação na Comissão de Silvicultura da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, defendendo os interesses das empresas que plantam as árvores que não geram a matéria-prima vital celulose do nosso setor, passando pelos aspectos técnicos das empresas de papel e papelão ondulado quando participamos de feiras, seminários, conferências e comissões de âmbito nacional juntamente com a ABTCP, entidade maior do nosso setor, até o envolvimento e investido apoio às causas sociais imbricadas na atividade de reciclagem e seu estrito laborioso de catadores de papel, ambienticamente representado pelo Projeto Tzedaká, da nossa valerosa Nícia Maria.

Fizemos diversas ações e gestões junto ao poder público, visando à defesa dos nossos interesses nas áreas de meio ambiente, relações de trabalho, tributária e fiscal, conquistando êxitos significativos que beneficiaram das menores às maiores empresas do nosso setor, notadamente na redução da base de cálculo do ICMS.

Como que querendo e precisando recuperar um tempo esvaído, fomos além e fomos mais ao levamos aos associados de quase todas as regiões do Estado as nossas reuniões itinerantes, precedidas por um pioneiro trabalho de pesquisa, aferição de custos e atração dos industriais do nosso setor em cada região visitada, desenvolvido tão competentemente pelas Srs. Débora Weitzel Borges e Maria Lúcia Nascimento.

Implementamos o Projeto "Fato Direto", o qual propiciou a todos os participantes das nossas reuniões mensais o acesso a informações de qualidade, sobre oportunidades, produtos e serviços diversos.

Implantamos o Condomínio Industrial do Papel "Unidade Robson Braga de Andrade", regularizamos a documentação de propriedade e os licenciamentos ambientais de todas as áreas junto à FEAM e, em decorrência primeira de percalços de diversas ordens e depois de dificuldades de acesso, devota de obras da Linha Verde, transferimos o início da recepção das obras das primeiras unidades para o primeiro quadrimestre de 2007.

Implantamos a instalação do curso de impressores flexográficos no Senai/DECOTEG em Belo Horizonte, graças às verbas para compra das impressoras e do vencedor, obtidas por intermédio do Dr. Patrônio Machado Zica junto ao Senai.

Estamos lançando neste mês com o apoio do SEBRAE a cartilha de conscientização ecológica e ambiental que visa esclarecer aos futuros consumidores as especificidades de todas as embalagens utilizadas atualmente para proteção dos mais diversos produtos, tendo como escopo de projeto o alerta e

Fizemos diversas ações e gestões junto ao poder público, visando à defesa dos nossos interesses nas áreas de meio ambiente, relações de trabalho, tributária e fiscal, conquistando êxitos significativos que beneficiaram das menores às maiores empresas do nosso setor



a conscientização dos jovens consumidores para os benefícios da opção pelas embalagens de matriz celulósica, como o papel, cofre, papel-cartão, papelão ondulado e polpa moldada.

Reforçamos nossos vínculos pessoais, empresariais e familiares, através do Jantar Anual de Aniversário do SINPAPEL e da confraternização de fim-de-ano, numa interação também com os nossos clientes e fornecedores.

Finalizando nosso balanço de atividades, informamos que encerramos a nossa gestão com as finanças do SINPAPEL totalmente saneadas e revistas, graças ao apoio e compreensão de todos as empresas Associadas, que vão além da lei e contribuem para a manutenção desta nossa casa.

Agradeço aos meus companheiros de Diretoria pela dedicação, apoio, empenho e desprendimento no trato das questões que envolvem a harmonia, o desenvolvimento e o progresso das empresas associadas ao SINPAPEL.

Aguardo que continuemos a ter fé e entusiasmo juvenis para mais este período de dedicação às causas do setor de celulose, papel, papelão ondulado e polpa moldada.

Que Deus nos guie e ilumine.

Antônio Eduardo Baggio,
14-Dezembro-2006.

Editorial Nº 14
Ano 2007

Tapando o Sol com a Peneira.



Com o intuito de estabelecer a verdade a respeito de um artigo publicado no jornal "O Estado de Minas" do 19 de julho do ano corrente, intitulada: "Uma sacola diferente na caixa" escrevi à jornalista responsável pela matéria e seguinte esclarecimento.

Existem hoje no Brasil diversos projetos de Lei nas câmaras Federal, Estaduais e Municipais, que legistem proibindo a utilização pela indústria em geral de sacolas plásticas de polietileno de baixa, média ou alta densidade (PEBD/PEMD/PEAD), alguns aprovados na instância, com inoposição de recursos, porque legistem de forma inconstitucional, proibindo o consumo e indisciplinadamente a fabricação de sacos em sacolas plásticas com tal finalidade, ou contém erros conceituais graves, como obrigar a substituição das sacolas de plástico por sacos produzidos com papel reciclado, que não se presta para tal finalidade e sim somente para a produção de caixas de papelão ondulado (tubos, polpa moldada, papel biguêto de 24 linhas e papagueos sacos de papel sem carga de peso).

Após a inexistência de embalagem plástica, permitida por uma resposta ecológica ao problema ambiental, aliado aos graves consumos e poluentes inerentes do micro-organismo, encorpamos a ideia - por motivos de economia - de adoção de uma resina que acrescentada aos materiais atuais os tornam sustentavelmente biodegradáveis.

A verdade que deve ser dita agora, antes que mal maior aconteça, é que disse muitas recomendações aos cidadãos brasileiros se tornam sempre oxidáveis, permitindo a produção de materiais de matéria-prima petroquímica com aditivos para degradação na presença de oxigênio e luz solar, transformando-se depois de determinado período em pequenos fragmentos, que no entanto não são absorvidos por micro-organismos, daí não existir a propiedade proprietária de biodegradabilidade.

Os sacos e sacolas produzidas com os polímeros aditivos, se interrompem na presença de oxigênio e luz na tempo aproximado de 6 meses, se transformando em fragmentos e partículas à base de sílica

de materiais pegajando nossa flora, fauna, solo e águas. Existem sim as plásticas desenvolvidas com a propriedade da biodegradabilidade. São aquelas oriundas de matéria vegetal, peixes, estrado de milho, mandioca e outros produtos orgânicos, pois após da serem digeridos pelas bactérias e micro-organismos presentes no meio ambiente. E por último destas foram o 8 e 10 vezes mais caras que os materiais citados no início, daí sua produção e seletiva aplicação, hoje praticamente restrita a produtos "passatem" em países do 3º Mundo, notadamente em frascos e bandejas aplicados como embalagens de bebidas e produtos alimentícios. Portanto com aplicação seletiva e restrita devido ao alto custo.

Que os grandes consumidores de sacos e sacolas plásticas desconhecem ou não querem ouvir é o resultado, de que a simples substituição ambientalmente correta são as de matriz celulósica, portanto sempre mais caras que os outros em si e o 40% mais caras em termos de custo ambiental, visto que são a Reciclagem - porque são alternativas de celulose extraída de florestas plantadas pelo homem para tal finalidade, Reciclagem - porque são 100% recicláveis inúmeras vezes, Biodegradabilidade - porque são absorvidas pelos micro-organismos presentes no meio ambiente, Computabilidade - porque podem ser comparadas junto com o lixo, pois têm característica de água e oxigênio evitando a proliferação de bactérias anaeróbicas e a consequente geração de cheiros.

Ocorre que os sacos e sacolas de papel são no comércio geral 4 vezes mais caras que os sacos de plástico, no que pese terem 60% a mais de capacidade volumétrica e serem consumidos à razão de 3,2 vezes menos sacos para uma sacola plástica - conforme estudo feito nos EUA e que mostrou essas sacolas de supercapacidade o o controle de lá a voltar a usar papel em sacos e sacolas - que faz com que o custo final para o utilizador seja menor do que parece, pois de 60% a mais que o preço de uma sacola plástica, mas se transformam no Brasil de hoje em 77% de valor recuperado pela cadeia de coleta de papéis, gerando trabalho e renda para milhares de pessoas, ao invés de estar impactando o meio ambiente e gerando os custos municipais com lixo e aterros, sem falar com sua consequente contaminação dos solos e dos lençóis freáticos.

Se quisermos falar sério neste assunto temos que admitir várias verdades, e uma delas é que se uma única grande rede de supermercados em cada Estado quiser utilizar sacos de papel, não adianta papéis para não serem sacos sacos para não serem sacos, pois a indústria não biodegradável é miragem. Que plástico biodegradável é um conceito que não virará engano

matiz petrolo e sem vivos no Mundo a serem alimentados com o milho, mandioca e outros cereais e (que antes de se transformar em plástico sem as melhores características de plásticos, sofreu a concentração da transformação destes produtos em combustíveis como o álcool).

Que o homem teria tentado um programa de previsão mais primário, momentos como é nos Estados Unidos e Europa, a opção de consumidor para com que tipo de embalagem que embute seus produtos nos supermercados, mercados, comércio, drogarias etc., dando ao consumidor o direito sagrado de escolha de acordo com sua consciência ecológica e propiciando tempo para que toda a cadeia ecológica se prepare para produzir milhões de toneladas de celulose, papel e papelão, mantendo o uso de plásticos para aplicações onde suas características intrínsecas são indispensáveis.

Hoje, entre o plástico e o abuso de uma árvore da família Pinus, parecer-se um tempo que volta de 10/12 anos no Brasil e de 20/25 anos nos países do hemisfério norte, fazendo com que o Brasil seja competitivo desde que haja um maior investimento na produção, que seja o caso do Brasil, em celulose de fibra longa para embalagens.

Temos milhares de hectares de terras acidentadas e improdutivas para a floresta nativa que podem ser ocupadas por matas florestais para tal finalidade, sem competir com a produção de alimentos e ainda gerar créditos de carbono para o Brasil e melhorar significativamente a absorção do gás carbônico e a geração de oxigênio com a consequente re-introdução, fixação e proteção de espécies nativas da fauna e flora de cada região mediante manejo consciente e responsável, contribuindo para engrandecer nossa biodiversidade e economia, e ajudando a fixar populações no campo, com saúde.

Mas a pergunta que não cala é: Até quando vamos continuar a tapar o sol com a peneira?

Antônio Eduardo Baggio
Presidente

Sinpaapel - Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel e Papelão do Estado de Minas Gerais.

N.A. - Uma das redes de supermercados classe A de Minas Gerais citadas no referido matéria do jornal, diante de alertas para o erguio, manifestou sua consciência sócio-ambiental e não se deixando levar por proposições ditas ecológicas sem entusiasmo técnico - mesmo frente a economia de custo - preferiu emitir uma atitude de respeito ao consumidor e à sociedade, absterndo-se de usar suas sacolas plásticas com atributos pretensamente ecológicos.

Editorial Nº 17
Ano 2007

O desafio de empreender com eficácia

Todas as pessoas que um dia resolvem construir um empreendimento - não importa em qual setor de atividade ou o montante do investimento, nem as reais perspectivas de sucesso - antes de tudo são pessoas que querem transformar em realidade os seus anseios e sonhos - por vezes longamente acalentados - e que no mais das vezes exigem sacrifícios, estudos, poupança para o capital e expertise no ramo escolhido.

Como todos os empreendedores bem sucedidos já o fizeram um dia, hoje, alguns milhares de cidadãos nesse Brasil de Deus, estão tentando legalizar a constituição dos seus negócios, na esperança de crescerem mais e obter sucesso.

Tão logo optam pela formalização dos seus negócios, começam a descobrir o quão longo, oneroso, burocrático e penoso é -chegando às vezes a ser Kafkiano - esse processo de andar do lado certo da calçada da economia formal. Ou melhor na mão certa da auto-estrada das economias ditas de mercado.

O Estado com suas Leis, normas, portarias, decretos, convenções, estatutos e dezenas de outros documentos reguladores e balizadores das atividades de centenas de entidades, organismos, repartições, órgãos, secretarias, etc, nos três níveis da administração pública, além de exigirem das atividades produtivas muito em impostos, tributos e taxas, exigem-nos verdadeiras montanhas de informações burocráticas, que a par do desperdício de trabalho humano, só se justifica por manter empregados milhares de amanuenses.

Muitas vezes as exigências são desprovidas de senso lógico e por isso mesmo não resistem ao menor questionamento.

Como contribuintes e cidadãos nos sentimos impotentes, lesados e injustiçados por ajudarmos a construir a riqueza da Nação e recebermos tão pouco em quantidade e qualidade de serviços e atendimentos - ressalvados como sempre, as honrosas exceções de praxe.

Os empresários que conseguem êxito nas suas atividades são aqueles que aprenderam desde cedo a lidar com o cipoal de exigências e cumpri-las apesar do custo que isso significa para o desenvolvimento dos seus negócios.

São aqueles que mantêm a profissão de fé de serem fortes e incorrigíveis no seu otimismo e esperança de fazer do seu negócio um modelo de sucesso e progresso.

Vemos ao longo da vida que os empreendedores e os empreendimentos que obtiveram e obtêm sucesso permanente são aqueles que se concentram no essencial do seu negócio e o protegem como a um filho, respeitando as leis em geral e em especial as que regem as relações com a sociedade e com o Estado.

São também aqueles que tratam com dignidade seus colaboradores e com honradez seus clientes e fornecedores, e ainda cuida para que a inserção da sua empresa no meio-ambiente seja a menos impactante, e a mais sócio-ambientalmente correta.

Esses são os exemplos de excelência, competência e eficácia que gostaríamos que gerassem um vírus que pespegasse em homens dedicados a outras atividades vitais da nossa sociedade - notadamente a pública - transmitindo-lhes esses atributos essenciais.

Isso existe porque o exercício da atividade industrial a par da sua complexidade é apaixonante, pois proporciona-nos a chance de encantar nossos



clientes, bem atendê-los e satisfazer suas necessidades e expectativas de forma transparente, competente, ética e eficaz. Porque cada industrial e sua empresa necessitam fornecer aos seus clientes, produtos bem fabricados, a um custo compatível, com especificações honestas e entregues quando e como o cliente requisita. E com isso ter sua permanente preferência.

Essas são as exigências desse mundo globalizado em que um sorriso, uma palavra sincera e honesta ou uma atitude ágil e correta valem o ouro que distinguem as empresas eficazes dessa seara de atendimentos automáticos e eletrônicos. Pesquisar, investir, construir, arriscar, comprar, empregar, treinar, desenvolver, produzir, vender, entregar, dar assistência técnica, pagar impostos e só então receber.

Parece fácil. Isso é o que todos nós fazemos todos os dias. É o que nos distingue e nos honram.

Antônio Eduardo Baggio
Presidente do Sinpapel - Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel e Papelão no Estado de Minas Gerais

Editorial Nº 20
Ano 2008

Consciência x Comodidade

Ao longo da sua existência a Humanidade desenvolveu e acumulou conhecimentos e costumes de como viver em grupos sociais para defesa dos seus interesses como moradia, alimentação e segurança e evoluiu muito na tecnologia aplicada em todos os campos do seu interesse.

Entretanto evoluiu muito pouco como sociedade voltada ao respeito dos interesses e direitos precípuos do Homem, independentemente de sua condição social, racial, cultural ou religiosa e isto nos dá um indicativo de quão penosa e demorada será a jornada da humanidade rumo a uma civilização mais consciente, igualitária, racional, participativa e reivindicativa dos seus direitos.

Vivemos hoje numa sociedade de consumo perdulária, egoísta, excluyente e irresponsável que desconhece os princípios elementares de respeito ao meio-ambiente e aos direitos básicos de todos os habitantes do planeta Terra.

É isso não é exclusividade das sociedades terceiro-mundistas, muito antes pelo contrário, pois vemos diariamente atitudes de agressão e desrespeito ao meio-ambiente sendo praticadas por muitos dos cidadãos pertencentes aos países de economia e sociedades ditas avançadas. (Neeé. Inglaterra!)

Acontece que, atitudes prosaicas e saudáveis que os consumidores vivenciavam no mundo todo há 20, 30 anos atrás, estão esquecidas e precisando ser resgatadas e colocadas em prática, porque as novas gerações de consumidores não as conhecem. Existem hoje consumidores que não sabem sequer o que é um abridor de latas e como usá-

lo ou como abrir a tampinha de uma garrafa. Estão todos acostumados e introjetados no consumo de produtos embalados em sachês de laminados plásticos metalizados, de garrafas de PET/PP/PEBD/PVC, de embalagens cartonadas multilaminadas e de latinhas descartáveis de alumínio.

Vive-se hoje uma orgia de embalagens e sobre embalagens, num flagrante desperdício de matérias-primas, sem preocupação da adequação da embalagem à necessidade de protetividade do produto embalado.

Vive-se hoje uma orgia de embalagens e sobre embalagens, num flagrante desperdício de matérias-primas, sem preocupação da adequação da embalagem à necessidade de protetividade do produto embalado.

As embalagens como as latinhas de alumínio, os sacos de papel e as caixas de papelão ondulado cujos substratos tem valor comercial intrínseco para reciclagem, devido ao seu peso e valor, não causam problemas ecológicos, pois são procuradas pelos catadores, separadas e coletadas.

Embalagens compostas produzidas com mais de um tipo de substrato, em sua maioria esmagadora, não são recicláveis, pela impossibilidade de se separar um material do outro, sendo por isso condenadas à incineração - o que gera gases tóxicos - ou à disposição em aterros sanitários e luxões para uma viagem à sua degradação eterna. Ou pior ainda, são levadas pelas águas pluviais aos oceanos, onde hoje boiam formando um novo continente do tamanho do Estado de Minas Gerais, na confluência das correntes marítimas Americana e Asiática no Oceano Pacífico.

Milhares de empresas consumidoras de embalagens em todo o Mundo, sabem disto e não se dispõem a mudar suas embalagens, temendo que o custo final as torne menos competitivas



frente à sua concorrência, numa atitude covarde e irresponsável. Estas empresas promovem "Seminários, Palestras, Debates e Diálogos", com o mote de tratarem dos problemas ecológicos e de sustentabilidade, unicamente com o fito de se defenderem de acusações da sociedade no futuro - que serão inevitáveis - guardando data e lugar na fila futura das empresas ambientalistas de carteirinha (sic). Todos se sentam confortavelmente em cima do muro. Com alibi constituído.

A sociedade terá que voltar a conviver com sistemas de embalagens sustentáveis como as embalagens fabricadas com vidro, folhas de flandres (latas), alumínio, papel, papel-cartão, polpa moldada e papelão ondulado, pois estas são as embalagens verdadeiramente ecológicas.

As embalagens produzidas com uma das sete famílias de material plástico e as embalagens compostas com dois ou mais substratos, deverão ser restritas a aplicações onde de fato sejam imprescindíveis, e não, mais econômicas, pois a economia maior que se deverá ter em mente e em conta é a economia do meio-ambiente e dos recursos naturais.

Enfim a economia que preservará a nossa saúde e a Vida. Esta é a que não tem preço.

Em pouco tempo a sociedade terá que fazer a sua opção entre o comodismo obliterante e a sanidade benfazeja do nosso planeta.

Editorial Nº 26
Ano 2009

O passivo da desídia

Antônio Eduardo Baggio - Presidente do Sinpapel



A atual política econômica do Governo Brasileiro, além de canhestra e míope, é decisiva, porque atrai aplicações de moeda estrangeira em títulos emitidos pelo Governo remunerados regularmente e incentiva a especulação nos mercados de ações e de futuros, ao invés de atrair investimentos com fins produtivos.

Como efeito colateral, o câmbio não consegue flego para encontrar seu real valor no jogo da mediação entre o valor dos produtos no mercado interno e a remuneração por eles quando exportados, aliando do mercado externo boa parte da indústria de transformação Brasileira, atraindo sobre ela a competição destragada de produtos dos chamados "Tigres Asiáticos", numa repetição de uma síndrome que ficou conhecida nos anos 80 como "Doença Holandesa", pela similaridade do que aconteceu na Holanda naqueles anos de ingresso maciço de moeda estrangeira que causaram a derrocada da indústria de transformação Holandesa.

Já estamos sentindo os sintomas da "desindustrialização" do país, como nos mostram os dados recentes do IPEA - Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada, que aponta que entre 1981 e 2008, houve uma queda do PIB- Produto Interno Bruto da indústria de 44,31% para 27,34% de participação na economia nacional.

Hoje em decorrência do comportamento claudicante do câmbio, o País tem dificuldades em defender sua indústria de transformação.

O estrategema que vem sendo utilizado, que remonta à época de implantação do Plano Real, quando foi batizado de "âncora cambial", era para ser transitório, mas virou permanente.

E como consequência influenciou negativamente na taxa de investimento, que baixou de 24,45% em 1981 para 19,01% em 2008, desdizendo os defensores desta política, que afirmavam que a desvalorização do Dólar frente ao Real tornaria o custo de aquisição de máquinas e equipamentos do exterior mais barato, o que promoveria a atualização tecnológica do nosso parque industrial e levaria a nossa indústria a aumentar enormemente sua competitividade no mercado mundial. Lado angano, Máquinas

são somente uma das variáveis da equação.

A situação atual mostra-nos um Governo sem planos para alterar sua política cambial ou ideias para eliminar os fatores que afetam a nossa indústria de transformação, que tranquiliza-se e acomoda-se ao ver que os empregos estão sendo absorvidos pelo comércio e serviços e que o agronegócio e a indústria extrativa mineral estão nos suprindo com as divisas das suas commodities.

Não se dão conta de que ao deixarmos de ser uma nação industrializada, o país fica ao sabor das cotações e especulações das commodities no mercado global e abre mão de agregar valor às suas matérias-primas e gerar empregos qualificados para seus cidadãos, empobrecendo a sociedade.

Comércio e serviços são setores que muito pouco geram de recursos externos para o país, o que só faz agravar nossa dependência de capitais externos, num ciclo que nos torna dependentes apenas destas fontes que são remuneradas pelos sempre altos rendimentos dos títulos do Governo.

Títulos estes que estão sendo resgatados e pagos com o superávit que o Governo precisa gerar. E na falta de eficiência e transparência dos gastos públicos, sobra a conta de investimentos para ser surrupiada para gerar esta sobra, deixando a nação desvalida de importantes investimentos em infra-estrutura que beneficie as atividades produtivas e a sociedade como um todo.

Será que a nação Brasileira, tendo sonhado um Brasil sonhado por Juscelino Kubitschek, vai acordar como um país sonhado pelos medíocres?

Esperamos que não. Por isso continuamos na luta de empresários industriais que somos. E por isso também que nos dispomos a esterçar armas e a nos alinhar com os ideais de capitães da indústria como o Dr. Cláudio Machado Júnior - que conduzimos recentemente à Presidência da nossa FIEMG - e ao Dr. Robson Braga de Andrade a quem demos nosso entusiasmado e importante apoio para se eleger à Presidência da CNI- Confederação Nacional da Indústria - o mais alto posto de defesa da indústria Nacional. Com dois combatentes com a pegada e estirpe deles, estaremos reforçados nesta nossa luta.

Esperamos que a eles e a nós venham se somar outros combatentes nesta luta que não pertence somente à Indústria, mas a toda a nação.

Editorial Nº 30
Ano 2010

O mundo que nós vimos e o mundo que veremos

As embalagens e a sociedade de consumo no ano 2050

Antônio Eduardo Baggio



Faltam poucos anos para 2050. Somente a idade média de um cidadão. Um último da vida humana sobre o planeta Terra. Porém neste interregno de tempo, deveremos assistir às mais dramáticas mudanças no modo de vida da humanidade. Recursos que hoje são

abundantes e cujo dispêndio perdulário não nos comovem, não nos pesam nos bolsos e consciências, serão dramaticamente racionados em função da suas crescentes escassez e custo de reciclagem para reposição ao mercado consumidor.

Assistiremos consternados ao lançamento de imensos débitos em nossa conta-corrente como cidadãos, a fim de amortizar o passivo ambiental deixado pela sociedade atual. Seremos forçados a contragosto num primeiro momento a rever práticas de consumo irresponsáveis, como as que temos hoje, para em seguida conformados, nos adequarmos à realidade de um mundo incapaz de lidar com o excesso de produtos com formas, funções e tecnologias programadas em sua obsolescência para ser transformados em sucatas e lixos.

Ao benefício econômico da escala de produção de um simples radinho de pilha, a um computador e monitor de TV, passando pela praticidade de um gole d'água na boca de uma garrafa PET e à uma porção de alimento congelado - recomposto no micro-ondas - deverá corresponder no futuro uma taxa que cubra os custos

para a sociedade com a coleta, transporte e reciclagem - nos casos em que é possível, pois nem todos são recicláveis, e reintrodução da matéria-prima na cadeia produtiva. A equação em 2050 entre taxação e praticidade deverá eliminar em grande parte os ganhos de escala de muitos produtos e embalagens, fazendo com que a sociedade busque alternativas de produtos e embalagens mais duradouros e reutilizáveis.

Atenção especial será dada a produtos e embalagens de origem renovável como os oriundos do mundo vegetal e mineral, 100% recicláveis do primeiro ao enésimo ciclo de reciclagem, como as embalagens de vidro, alumínio, aço, papel, papelão, polpa moída e papelão ondulado.

Atributos de produtos como a biodegradabilidade e compostabilidade, valorizados numa sociedade de consumo perdulária, serão ainda vistos como essenciais, dada a incapacidade crônica de gestão dos resíduos pelos órgãos públicos e pela ação descompromissada do ser humano no trato das questões ambientais.

As embalagens com esses atributos quando dispersas no meio-ambiente, pela ação inconsequente do homem, ou pelos fenômenos naturais como tempestades e ciclones, não geram danos pois são absorvidas pelas bactérias e micro-organismos presentes na natureza, integrando o ciclo de vida.

Não voltaremos à idade média das embalagens, mas estaremos limitados no uso dos seus atributos de praticidade, ao custo que isso representará nos bolsos de cada consumidor.

Editorial Nº 31
Ano 2010

Dura Lex Sed Lex? Ou Consciência Ambiental?

Uma nova etapa da sociedade de consumo em BH



Com a proximidade da entrada em vigor em Belo Horizonte, da Lei Municipal nº 9.629, que proíbe a utilização de sacos de lixo e sacolas plásticas pelo comércio e pelos consumidores, temos pouco tempo para realizar o debate mais qualificado sobre o tema, visando a uma maior conscientização da população e dos agentes econômicos envolvidos, resultando a importância do cumprimento da Lei e os benefícios socioambientais que advirão disto.

Para que a Lei possa ser cumprida sem maiores sobresaltos, mister é que se defina a consecução de alguns termos e palavras que aparecem no texto original da Lei de forma a difundir o conhecimento técnico que existe sobre as propriedades dos diversos materiais que são hoje utilizados para fabricação dos citados artigos. Temos que enfatizar a diferença entre "reciclável" e "reciclado" como primeira lição para salvar a todos do engodo que a confusão causada por estas palavras.

Nem todos os materiais "recicláveis" o são, a baixo custo, o que inviabiliza sua recuperação e seu retorno ao mercado consumidor, bem como nem todo material reciclado contém os atributos de funcionalidade do material original. O mesmo se aplica à confusão com o termo "renovável" que não indica que conseqüentemente o material é biodegradável.

Termos como "ecológico" precisam ser mais precisamente fundamentados na referida normatização da Lei, a fim de que os consumidores, os agentes econômicos e os agentes da Lei não incorram em erros grosseiros na tentativa de se fazer cumprir a Lei. Aquilo que é bom, também é bom para a natureza e para a sociedade, e existe há muitos anos. Falamos aqui a todos, jovens e vividos, coadunando com a preocupação ambiental do Governo e das ONG's, que existe uma alternativa sim para as sacolinhas plásticas - sem o engodo das sacolas de náilon plastificada, ou dos sacos e sacolinhas em CBD, ou o "Plástico Verde" - são os sacos de papel que o mundo inteiro usava no passado e alguns países desenvolvidos voltaram a usar novamente nos últimos anos, pelos seus excelentes apelos ecológicos e inegáveis atributos ambientais.

O que poucos consumidores e a sociedade civil conhecem e precisam saber é que os únicos subestratos ambientalmente corretos são os oriundos da matriz celulósica, portanto reúnem em si os 4 atributos fundamentais exigíveis de uma embalagem socioambientalmente correta, que são a:

Renovabilidade - porque são advindas da celulose extraída de florestas plantadas pela mão do homem para tal finalidade, que sequestram o carbono da atmosfera e os fixam em seu corpo, num ciclo eterno;

Reciclabilidade - porque são 100% recicláveis inúmeras vezes;

Bio-degradabilidade - porque são absorvidos pelos micro-organismos presentes no meio ambiente quando dispersas nos solos ou águas;

Compostabilidade - porque podem ser compostadas junto com o lixo e com o material orgânico, tornando-se adubo.

Estas embalagens se transformam no Brasil de hoje em 82% de valor recuperado pela cadeia de coleta de papéis, gerando trabalho e renda para milhares de pessoas, não impactando o meio-ambiente nem saneando os cofres municipais com lixões e aterros sem fim.

Para debatermos a sério o objetivo desta Lei Municipal temos que admitir várias verdades:

- Uma delas é que plástico oxio-biodegradável não existe;
- Que plástico biodegradável é um conceito que não vingará enquanto existir petróleo a ser explorado e senso vivo no Mundo a serem alimentados com o milho, mandioca e outros cereais e que antes de se transformar em plástico com as melhores características do plástico, sofrerá a concorrência da transformação desses produtos em combustíveis como o álcool;
- Que sacolas duráveis podem ser uma alternativa válida, principalmente se forem confeccionadas com palhas, cordas, lãs e tecidos vegetais e não com náilon plásticos;
- Que carrinhos de arame para compra é prático e ecológico. Que tudo que é utilizado várias vezes é bem-vindo;
- Que o inteligente seria termos um programa de previsão num primeiro momento, como é nos Estados Unidos e Europa, a opção do consumidor pelo tipo de embalagem que quer para embalar seus produtos no comércio, dando a ele o direito sagrado de escolha de acordo com sua consciência ecológica;
- Que as embalagens de plástico são insubstituíveis em algumas aplicações e a elas deveriam ficar reíntas, reservando a função de "contenedores" descartáveis para o papel, o papelão ondulado e o papel-cartão, as sacolas retornáveis e os carrinhos de arame;
- Que a atitude ambiental é a única arma que temos para defender o futuro do nosso planeta. E dos nossos filhos e netos.

Antônio Eduardo Baggio
Presidente do Sinpapel - Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel e Papelão do Estado de Minas Gerais

Editorial Nº 32
Ano 2011

Momento de profunda reflexão

Este editorial foi publicado no número 13 de Set-Nov-2006 e está sendo conferido nesta edição



Mais um semestre se encerra e com ele as esperanças de um ano de crescimento expressivo do mercado de celulose, papel, papelão ondulado e seus derivados se vê seriamente comprometido.

A perversa política econômica em vigência no país, que mantém uma elevada taxa de juros, pagando um tributo escorchante e dissimulado à banca internacional, é a razão basilar dentre outras tantas, do nosso expectativa de crescimento pífio para este ano de 2006. *(Para 2011 também.)*

Com o forte afluxo de dólares - via mercados especulativos como o da bolsa de valores - na nossa economia, contaminando os créditos em dólares duramente conquistados via produção industrial e agrícola, a indústria e o agronegócio deste país se vêem compelidos a ter que transformar estes créditos dentro de prazos fixados pelo Banco Central, para pagarmos nossos impostos, salários e matérias-primas em reais, cada vez mais artificialmente valorizados, propiciando às autoridades monetárias a delícia do proselitismo arroçado do resgate dos títulos cambiais às custas do trabalho das empresas Brasileiras. *(E na sequência, com sobras abundantes, a formação das bilionárias reservas atuais em 2011.)*

A economia do país se beneficia de superávits na balança comercial às custas de contratos que os empresários tem que honrar, de investimentos irreversíveis maturados em anos de implantação, de cotações de commodities favoráveis episodicamente e da exportação de petróleo pesado.

O mundo real no qual se inserem as indústrias siderúrgicas, têxteis, calçadistas, automobilísticas e de auto-peças e as de base agrícola e muitas outras grandes empregadoras intensivas de mão-de-obra, tem que se contentar com o mercado interno. A cotação artificial do dólar - às custas do crescente envidamento via títulos públicos que são remunerados com as maiores taxas de juros do mundo *(Ainda as maiores em 2011.)* - não permite às empresas deuses e de tantos outros setores, manter seus clientes duramente conquistados no exterior e por via de conseqüência acaba inibindo os investimentos e a criação de novos postos de trabalho dentro do país, fazendo jorrar no mercado interno uma sobreabundância de produtos que deprime os preços além do necessário, fazendo subsidiariamente a delícia dos índices consolidados nos indicadores de inflação. *(Em 2011 seguraram a inflação assim.)*

E esta produção excedente - com a cotação do dólar em níveis reais - é que deveria estar sendo comercializado para o exterior, gerando mais divisas e postos de trabalho, num círculo virtuoso.

Entretanto temos assistido nos últimos tempos aos ecstasios dos poderes constituídos da nação que trata a indústria e a sociedade como

alheio, ignorantes e impotentes ao perpetrarem verdadeiros assaltos aos cofres públicos e às consciências das cabeças iluminadas que deveriam ter o deconino, o dever ético e moral de defender a sociedade Brasileira.

Reformas longamente anseadas pela sociedade como as reformas das legislações eleitoral, trabalhista, tributária e fiscal, com probidade administrativa e menor gasto público são somente miragens brandidas pelos políticos em época de eleições. *(E até 2011 nada aconteceu...)*

Enquanto remunerarmos os aplicadores nacionais e internacionais com as maiores taxas de juros do planeta, não haverá ninguém, em nenhum segmento da sociedade que conseguirá mudar o atual status quo.

E nossos filhos e netos continuarão pagando pelas nossas fraquezas, conflitos e omissões. *(Filhos e netos que estão 6 anos mais velhos hoje.)* Não devemos perder a capacidade de nos indignar sempre.

Comemos no, enquanto eleitores, poderemos reunir forças para infringir-lhes a perda dos seus privilégios, indicando a todos o rumo da moralidade, ética, justiça, competência e respeito aos valores anseados pela sociedade Brasileira.

Por isso cidadãos e empresários, devemos exercer o nosso direito sagrado do voto e não nos esquecermos nunca em quem votamos, para poder acompanhar o seu desempenho e cobrar-lhe atitudes dignas de representante do povo. *(Outubro de 2012 está aí...)*

A verdadeira democracia impregna os atos de respeito às coisas diversas, como tem nos demonstrado um jovem Governador, e esse respeito antecede a moralidade, a ética e a probidade. *(Esperamos vê-lo no lugar que merece.)*

Os próximos anos da nossa democracia serão de fundamental importância para moldar o caráter do povo Brasileiro e forjar uma verdadeira nação, e sua participação e seu voto consciente tem muito a ver com tudo isto com ou sem reforma da atual e cederista legislação eleitoral. *(Ainda não reformaram-na.)*

E chegamos a 2012. Seis anos se passaram desde que este editorial foi aqui reproduzido. É estanteador como os homens públicos de públicos nada tem.

É estanteador como ninguém se levanta contra tudo que aí está. Espero que a revolução digital dos meios de comunicação que assolou o mundo jogue suas sementes sobre a sociedade deste país.

Editorial Nº 36
Ano 2012

Antônio Eduardo Baggio
Presidente

Dois anos de engôdo



Você leitor e consumidor que acredita que o seu desconforto e sacrifício em não receber mais algumas sacolinhas plásticas ao fazer compras no comércio seria em prol da justa causa ambiental, regida pelo cumprimento de uma lei municipal criada por um vereador que se imaginava com visão além da realidade sua e cruz da vida...

Você que acreditou em falácias divulgadas na imprensa, notadamente pelos maiores intermediários na venda de produtos - que são embalados por muitas das embalagens mais poluidoras que existem- empresas travestidas de ambientalistas de carteirinha, com respaldo midiático de articulistas que escrevem falácias sob encomenda, interessados tão somente em ajudar na manutenção do vantagem engôdo, sem escrúpulos e sem ética profissional...

Você que teve a infelicidade de ser acometido por um impulso consumista ao receber fazer uma compra -não programada- sem estar munida da sua patrulhada e infectiva sacola de rã de grife duvidosa, - fabricada com mão-de-obra escrava chinesa - e se deparou com o castigo de ter que levar suas compras em caixas de papelão usadas e contaminadas ou ter que se curvar ao poder imposto pelos senhores comerciantes e comprar mais uma sacola chinesa que não é reciclável, nem biodegradável, nem compostável e muito menos advém de fonte renovável, ao custo "simbólico" de R\$1,00/R\$2,00/R\$4,99 e por aí vai...

É incrível como o poder pode - pelo menos tem podido até aqui com a ajuda da mídia paga - levar uma sociedade inteira numa conversa fiada, desonesta, num verdadeiro engôdo em massa...

Você que acreditou que o poder público teria elementos para fiscalizar o uso e a procedência do material com que são fabricadas as sacolas biodegradáveis- feitas a partir de matérias primas de origem vegetal como o milho e a mandioca - que deveriam substituir as sacolinhas convencionais fabricadas a partir de resinas extraídas do petróleo...

Você que ainda está em dúvida se as superpoluentes sacolas fabricadas com resinas ox-biodegradáveis são mesmo prejudiciais ao meio ambiente, porque as vê e as recebe doadas por muitas empresas, que gozam - na sua opinião - de um bom conceito de seriedade e responsabilidade...

Você que paga seus impostos diretos e indiretos sobre todos os artigos que consome, e contribui para a arrecadação de tributos nos três níveis: municipal, estadual e federal...

Você, leitor e consumidor espoliado, ludido e vilipendiado pelas pessoas e organismos públicos e privados que deveriam ter a obrigação de defender todos os direitos desta

sociedade com equidade, clareza e justiça, está fadado -por tempo- a ter que levar as suas embalagens ao ir às compras, porque para essas empresas e seus diretores o que é relevante é retirar das suas próprias costas o imenso passivo ambiental que contraiam para com a sociedade ao longo de décadas de distribuição farta e desleiosa de sacolinhas plásticas logotipadas e que estão dispersadas por rios, lagos, mares e lóxos em todo o mundo. ...

E você consumidor será explorado ainda por um bom tempo, para proporcionar a essas espertas empresas comerciantes o lucro fácil com a venda das embalagens que antes fazem parte de qualquer negócio sensato, cômodo e moderno de venda e distribuição de produtos. E de quebra - mas não menos importante - estará propiciando a essas "velutas empresas" e seus "fidos diretores" - empresários espertos - a glória de aparecerem como paladinos da consciência ambiental, aplaudidos e incensados pela mídia paga e por quem deveria defender você dessas artimanhas...

O duro é constatar que na raíz de tudo, existe você consumidor crédulo que é manipulado em vossa consciência ambiental e recebe de volta dessa sociedade pseudo-ambientalista o fruto dessas iniciativas: o engôdo.

E isso -numa inversão absurda de valores -acontece logo para cima de você, que deveria ser respeitado e ungido como a razão de ser do comércio e da indústria.

A lei, os debates, as marchas e contramarchas jurídicas, os lances midiáticos, a mequinhez e a ambição, o pesado lobby e tudo o que veio na esteira dos acontecimentos desde a promulgação da Lei Municipal, fogem à lógica sã e comprometida com os resultados honestos como os que vem sendo obtidos por uma certa multinacional de serviços de alimentação que há cerca de 15 anos atrás tomou a decisão de substituir todos os artigos possíveis fabricados em plástico, por similares produzidos com papel, demonstrando lógica, conhecimento, consciência e atitude ambiental como uma empresa capitalista verdadeiramente comprometida com a sua existência saudável e da sociedade de consumo dos seus produtos pelos próximos séculos.

Quando uma Lei atenta contra os direitos, contra os hábitos e contra a consciência de uma sociedade, tentando tutelá-los sem lógica e respeito e se ampara descaradamente nos atores e forças que dela se beneficiam desonestamente, como as empresas que vendem as sacolas e fazem deste negócio impositivo e oportunista um bom negócio, está fadada ao descrédito e será relegada ao descaso como tem ocorrido na maioria dos outros pontos comerciais em Belo Horizonte, com a exceção honrosa a algumas empresas que com elevada consciência ambiental adotaram embalagens 100% Recicláveis/Biodegradáveis/ Renováveis/Compostáveis.

Antônio Eduardo Baggio
Presidente

Editorial N° 40
Ano 2013

70 Anos de Desenvolvimento



Em 1943, O mundo encontrava-se em convulsão por causa da 2ª Grande Guerra Mundial. Havia escassez da maioria das matérias-primas essenciais. Faltavam todos os tipos de papéis. Para jornais, suplementos literários, almanques e revistas que vem a sua criação ser reduzida drasticamente. Faltavam papéis para embrulhos de compras e confecção de caixas, pacotes e recipientes para os raros produtos industrializados. Faltava cortiça para a indústria farmacêutica e de bebidas.

Este era o panorama em Minas Gerais e no Brasil, quando alguns poucos pioneiros abnegados e astutas resolveram se congregarem para a fundação do Sinpapel, que na época acolhia também as raras indústrias que se dedicavam à transformação da cortiça.

Juiz de Fora e região, conhecida na época como a Manchester Mineira, numa comparação com a cidade inglesa - cenário central da evolução da indústria na Inglaterra - obrigava já desde o início do século XX, indústrias que se dedicavam à reciclagem de papéis e papelão massa, apoiadas na eletrificação pioneira da região da Zona da Mata, birço da primeira usina hidrelétrica do Brasil.

Belo Horizonte, a jovem capital do Estado, com o aumento crescente e atropelado da sua população e do consumo de bens e gêneros em geral, passou a gerar sobras de papéis em quantidade que justificasse a implantação aqui de uma moderna fábrica de reciclagem de papéis. Surgiu daí a Fábrica de Papel Cruzeiro, que muito embora não tenha sido a pioneira na atividade na nossa capital, foi o primeiro grande e o mais moderno parque fabril para reciclagem de aparas e papéis velhos da cidade.

Durante a metade do século passado, foram pipocando novas fábricas por todo o interior do Estado, aproveitando a geração de aparas e papéis velhos no entorno das cidades, o que com a economia propiciada no transporte da matéria-prima, ajudou a viabilizar esses empreendimentos como fornecedores locais de variados tipos de papéis, notadamente para embalagens.

Como o clima mineiro não era propício (e em grande parte não o é) para a plantação extensiva de espécies de árvores que se desenvolvem melhor sob temperaturas baixas, das quais se extraem a celulose de fibra longa, como o Pinus Elliottii, Tacedra e Acácia e, portanto, não havia como ressuprir a cadeia de fornecimento de fibras longas às indústrias produtoras de papéis, principalmente para embalagem, Minas fez do seu ovo um belo ovo e ao se transformar no segundo maior e mais importante

polo de fabricação de papéis reciclados do Brasil atraindo aparas e papéis velhos além das suas fronteiras.

Dessa estratégia natural surgiram expoentes em várias localidades de Minas Gerais. Sinter em Governador Valadares, Sonovo, em Montes Claros, INPA, em Pirapetinga e Uberaba, São Roberto-Irati, em Santa Luzia, Parabuna, em Juiz de Fora, Imbós Siqueira, em Pessa Quatro, Tocantins, em Camanducaia e Ponte Nova, Klabin, em Belém, e Bior Pastor em Divinópolis, dentre algumas outras indústrias instaladas em nosso Estado.

Na década de 60, estudos conduzidos por organismos de fomento, apoio e pesquisa do Estado de Minas Gerais, detectaram uma região propícia para abrigar um grande projeto de reflorestamento para fins de produção de celulose de fibra curta. Para o projeto se realizar faltava atrair uma planta de transformação da madeira em celulose. E a conjunção natural para o Estado de Minas Gerais foi um acordo com um grupo Japonês para a constituição de um empreendimento, numa região onde Minas já estava consagrando um modelo de negócio similar, em parceria com capitais e tecnologia Nipônicos na área de siderurgia. Nasceu assim a Celulose Nipo Brasileira-CENBRA em Belo Oriente, ao lado da USMNAS, em Ipatinga, ambas no industrializado Vale do Aço.

As décadas seguintes, acompanhando as vicissitudes da economia brasileira, viram algumas companhias antigas encerrarem as suas atividades por obsolescência ou impropriedade funcional, compensadas no todo pela abertura de novas e modernas indústrias capacitadas a atender às suas demandas com qualidade assegurada e custos competitivos.

Emblemática da luta de todo o setor e do comportamento empreendedor e visionário do industrial mineiro é a implantação do Condomínio Industrial do Papel em Lagoa Santa-MG, que finalmente, a despeito do parco apoio oficial, vem sendo erigido lenta e firmemente por capitais dos empresários do setor, numa das melhores localidades industriais do Estado, devendo se tornar em breve uma referência setorial.

Este sindicato, expressão da vontade, das necessidades e dos sonhos de todos os industriais e suas famílias aqui congregados, hoje mais que nunca, representa há 70 anos o melhor dos atributos e fibra da nossa gente, quando se mete a fazer um bom papel na vida.

Esperamos que os próximos 70 anos do Sinpapel sejam vivenciados pelos seus Associados com a mesma gana e o mesmo propósito de união e progresso, num país que esperamos que seja mais desenvolvido, justo e fraterno.

Editorial N° 41
Ano 2013

Antônio Eduardo Baggio
Presidente



Passado o olho do furacão do processo do mensalão, a economia e a sociedade Brasileira, ainda letárgicas, seguem tocando a vida, contabilizando os feitos da Justiça Brasileira, afinando os prognósticos sobre o futuro do processo e mergulhando de cabeça na fusão de compras dos mais recentes gadgets eletrônicos anunciados nas oportunidades consumistas de fim de ano.

O Executivo neste 2013, mais uma vez, preso em sua própria teia, deixou passar a oportunidade de se utilizar dos fundamentos macroeconômicos que vinham favoráveis ao governo, para incitar, inspirar ou até mesmo puxar as reformas estruturantes nos vários poderes e nos vários setores da economia, aparentemente sem se aperceber da "oportunidade perdida, da palavra proferida e da pedra atirada".

Reformas estas de que a nação tanto precisa e seriam o sustentáculo do desenvolvimento da economia da nossa sociedade no futuro.

Os Governantes desperdiçam as oportunidades de crescimento e desenvolvimento quando as conjunturas raramente favoráveis ao país se apresentam no cenário econômico mundial, como se o país tivesse a eternidade para se desenvolver.

2014 se afigura como um ano de nós bambos. A uma péta copa do mundo e a sua gastança monumental, desenfreada e corrupta, a duas pelas eleições presidenciais, e seus gastos exorbitantes.

Uma só certeza: 2014 será um ano regado de excessos, de saques contra o futuro da nação. E a conta estará espetada mais à frente, em local não visível.

Com a economia que andarà de lado como uma pipa sem barbela, veremos um refluxo no consumo das famílias depois da euforia da copa do mundo, cujo resultado não mudará a situação do país.

Para os negócios que ficam protegidos com a elevação da cotação do dólar frente ao Real, será um ano auspicioso pois contemplará uma cotação que deve chegar ao final do ano a 2,70.

Para os negócios de quem vive da importação será o início de um novo tempo de provações.

Nosso setor incentivado pela cotação do dólar se projetará ainda mais no mercado mundial, exportando celulose, papel e embalagens, em volumes crescentes, salvo alguma nova tremenda crise internacional.

No mercado interno, veremos o início do desabastecimento de alguns itens pressionados pela oportunidade de exportação, sem que o consumidor tenha a opção do produto importado para suprir a demanda, devido à cotação do dólar.

As taxas de juros, novamente num crescendo, trarão novos percalços aos empreendedores que não encontrarão mais ajuda dos Bancos de Fomento, pois estes estão com suas reservas comprometidas com os negócios feitos entre cumpadres.

O PIB apesar dos números do terceiro trimestre deste ano, em 2014 deverá espelhar um crescimento positivo, pequeno, mas certamente acima do que encerrará 2013, por conta principalmente de um adensamento das exportações e do refreio das importações.

Os nossos nós gordios, filhos das políticas fiscais e tributárias, da falta de regulamentação dos marcos setoriais, da precariedade da nossa infraestrutura, e de todas as mazelas sociais como a da saúde, continuarão aonde sempre estiveram nos últimos tempos, sem melhoras substanciais à vista.

E para mais um ano que se aproxima, renovamos as nossas esperanças de caralavada de que haja alguma pequena mudança, que se torne fundamental um dia, neste nosso sistema social.

Feliz e Venturoso 2014.

Antônio Eduardo Baggio
Presidente

Editorial Nº 42
Ano 2013

OS DESAFIOS DA INDÚSTRIA



por Antônio Eduardo Baggio

Numa economia como a Brasileira, os desempenhos dos vários setores da indústria espelham as desiguais condições em que se empreende no país, com as atividades extrativas minerais e do agronegócio, exibindo uma capacidade de prosperidade e de adaptação, muito maior e mais rápida aos diversos cenários e circunstâncias da economia mundial - a uma pelo baixo custo de produção e a duas pelas favoráveis condições geológicas e climáticas do nosso país - que em alguns casos representam a vantagem do dobro de safras anuais comparativamente a alguns dos países concorrentes no mercado mundial. Méritos também da Embrapa por pesquisar, inovar e disponibilizar alta tecnologia de produção para as empresas do agronegócio, num testemunho de que, como no caso da Embrapa na indústria aeronáutica, quando o Brasil resolve fazer bem feito o dever de casa, é bem sucedido, como outras nações do mundo. Esses exemplos deveriam ser suficientes para espantar do imaginário nacional, o nosso complexo de vira-latas. Entretanto mesmo esses setores de excelência, poderiam se beneficiar de uma maior lucratividade - e consequentemente maior poder de reinvestimento no país - se também eles fossem beneficiados pela extirpação dos males que afetam os outros setores da nossa indústria nacional de forma tão direta e impactante. A indústria de produção de itens para consumo do nosso mercado interno e para exportação, dadas as condições existentes no país e à legislação vigente, luta permanentemente contra a incidência da elevada carga tributária, a baixa produtividade da mão de obra - o que eleva mais ainda seu custo final -, e os custos indiretos de produção e logística dos produtos, o que impacta os custos de toda a cadeia produtiva - sumindo com os lucros para reinvestimento, pesquisa e inovação -, e faz com que fique cada vez menor a participação da indústria no contexto da economia nacional, devido ao fechamento sistemático de indústrias nacionais que cada vez mais vêem o seu mercado ser tomado por produtos similares importados mais baratos porque não carregam em seu preço todo o peso e todas as mazelas que recaem sobre

a indústria nacional. Hoje o consumidor Brasileiro, ao comprar um produto industrializado nacional, sem saber, está recebendo, junto com o produto, um certificado invisível da tenacidade, determinação e altruísmo do industrial Brasileiro. O Estado Brasileiro, sócio obrigatório e de poucos méritos, de todos os empreendimentos formais nascidos em solo pátrio, além de pouco contributivo, extremamente burocrático e regulamentador - inclusive em áreas onde não tem o menor expertise - e perdulário porquanto corrupto, sofre de miopia nas escolhas estratégicas dos melhores caminhos para o aumento, para a melhor qualificação e para o escoamento dos produtos dos variados setores da economia nacional, carecendo de políticas sérias, sensatas e inteligentes de médio e longo prazos para a maioria dos setores da atividade econômica da nação e não só para a indústria. Acrescente-se a isso que o país necessita urgentemente de uma reforma tributária, que simplifique a vida das indústrias, e elimine o cipal de impostos - muitos em cascata ou em duplicidade - e as ajude a recobrar o fôlego para que invistam em produtividade, pesquisa, inovação e tecnologia de forma a inserirem-se no mundo globalizado. Essa é uma maratona que todas as indústrias do mundo moderno já estão correndo. E as indústrias nacionais querem participar, porém clamam por tirar das suas costas o fardo que representa o conjunto de todas as mazelas acima. Somente isso. O país precisa se focar na formação de mão de obra e qualificação do operário Brasileiro, para que atinjam níveis de excelência em qualidade, produtividade, eficiência e renda. E desenvolvam um forte espírito de cidadania, com consistência e consciência. A desregulamentação das relações de trabalho, longe de desproteger o operariado, vem de encontro a uma sociedade mais bem instruída e que sabe negociar e defender o valor da sua contribuição, num mundo cada vez mais cibernético, e numa sociedade mais bem informada e crítica. A melhoria da infraestrutura de transportes e das telecomunicações, de fundamental importância para o bom ambiente de negócios é outra das reivindicações de todo espectro da economia nacional - não só da indústria - pois ao fim e ao cabo significam entregar ao consumidor um produto melhor, mais rápido, de forma mais econômica e com ganhos para toda a sociedade. Além de trazer conforto, praticidade e segurança para todos. Com o início de uma nova etapa de governo em 2015, a indústria e a sociedade Brasileira esperam ver implementadas ações e planos que - para além de serem rotulados como criação deste ou daquele partido, com mérito deste ou daquele político - venham de encontro aos anseios e interesses da maior parcela da sociedade, de forma justa e cidadã.

Editorial Nº 44
Ano 2014

MERCADORES DE ILUSÕES

Vive-se hoje neste Brasil, mais do que nunca, sob a égide do poder dos mais fortes. Entenda-se por mais fortes não aqueles sujeitos que se encontram encastelados com as armas do poderio bélico. Mas aqueles sujeitos ou grupos que detêm as rédeas dos poderes político, legislativo, judiciário ou econômico.

Essas hoje no mundo todo, os que detêm o poder emanado da liderança advinda do comportamento ético, moral, democrático ou humanista. Líderes na completa acepção da palavra.

A classe média, os empresários, os militares, os letrados, os trabalhadores e os pretensos formadores de opinião nacional reunidos no descampado da nação, embora encontrem impulsos e coragem para botar a cabeça para fora da toca e desdizer, contradizer ou mesmo professar uma opinião diversa dos interesses dessas pessoas e grupos dominantes, não conseguem traduzir suas ações e intenções em algo eficaz contra essa malta.

O Brasileiro no decorrer dos últimos escandalosos anos, será que está perdendo a capacidade de indignação, reação e enfrentamento contra os delitos perpetrados pelos poderosos de plantão?

Atitudes democráticas, tolerantes, como a convicção com a opinião divergente, o suportar das críticas mesmo as mais pertinentes ou as amenas tem sido normalmente vetadas e soterradas sob o grande peso econômico, de mão do poder.

Fatos históricos tem sido reinventados e reinterpretados distorcionalmente para servir aos interesses desses espíritos governantes, contrapondo e comparando coisas díspares como se iguais fossem.

Antigos projetos e planos, tem sido reabilitados e requestrados e servidos como novas panacéias para os velhos dramas e problemas da nossa nação.

Com isso o Brasileiro em geral, ou seja todos nós sem exceção, está se tornando um povo desfrizado, atormentado, bobo e iludido até não poder mais, por falsas e melifluas governantes pretensamente probes e democratas.

O inferno midiático que virou a vida de um cidadão-médio, com acesso a tecnologias de comunicação fartas, ao mesmo tempo em que os encanta e seduz, faz chover sobre sua mente uma plúvia de informações e contra-informações numa batalha de convencimento para mantê-lo crédulo e cordato, enquanto a mão do poder escorrega por dentro de seus bolsos, surrupiando parte do suor do seu trabalho via impostos desleais e descomunais, ou via desvio em obras públicas não mais milionárias, mas agora sim, para glória da nação: bilionárias.

A falta de comprometimento com o justo, com o próximo, com o ético e até com a pobre da moral, parece estar se tornando um comportamento padrão entre os que detêm algum poder, qualquer que seja ele, que servem de mal exemplo para formação do caráter de toda uma sociedade. E os cidadãos desta sociedade, sem desfaçatez, apressam-se em se investir dos mesmos direitos e esportezas na condução das suas vidas, fazendo do Brasil a Terra do Gêrson. Tudo isso sem que uma única voz SobralPintoniana se levante e mostre-nos o rumo da decência. Tudo hoje virou normal. Nos fazem crer, idiotas, que as coisas não são



por Antônio Eduardo Baggio - Presidente

na realidade como ficamos sabendo. Aliás ficamos sabendo muito pouco das verdades de como as coisas realmente acontecem por trás dos panos.

Enquanto isso a sociedade se vê mergulhando lentamente num artificialismo tecnológico a mascarar o apodrecimento do seu tecido social e arrastando junto, o valor do trabalho e sua ética cristã, encurralando-nos num desfaldado que não se sabe aonde vai desembocar. Rouba-se, corrump-se, mente-se, vilipêndia-se, mascara-se, trama-se, desonra-se e trai-se como nunca antes o Brasileiro fez. Em breve chegaremos a quintessência da mais pura sociedade Macunaímica.

Hoje tudo pode e tudo é possível de ser feito, tudo é normal. Nossos políticos e poderosos nos mostraram essa senda da facilidade. Nada tem custo, nem penalidade. Aliás, para o políticos e poderosos de plantão, é imoral e ilegal criminalizar o crime, o roubo, a maíandragem e mais ainda associá-las à indignidade. Tem-se direitos amplos de defesa quem trilha esse caminho. E dá-se guarida a bandidos e terroristas sob a justificativa de humanidade e democracia, quando na realidade estão tratando de serrar a corda na casa dos enforcados. Quem sabe o futuro que os esperam?

Pequenas esportezas, como verdadeiros cala-bocas, sob eufemismos como bolsa-alguma coisa, são providenciadas para o maior número possível daqueles que dão os seus votos no conhecido toma-lá-dá-cá.

E assim o poder de ocasião, como uma agremiação que depende do poder de voto da patuleia, engendra o assalto às riquezas de uma nação, roubando o trabalho dos seus homens e a esperança de um futuro melhor para seus filhos e netos.

Descobriu-se no Brasil dos anos dois mil a mais perfeita forma de governo.

A Democracia participativa!

Fantástica forma de governo em que os poderosos de plantão, achacam e espalham as forças produtivas, arrecadam rios de tributos e distribuem caramungas à patuleia que detém a massa de votos que legitimam a democracia que os permitem assaltar as riquezas da nação em tenebrosas e geniais transações muitas das quais com o financiamento do nosso dinheiro do Tesouro Nacional.

Nem Stalin, nem Fidel e menos ainda Mao-Tsé-Tung poderiam imaginar sistema mais engenhoso, seguro e lucrativo de governo, né companheirada!

A esquerda finalmente conseguiu com a força do discurso piegas subverter a lógica do mundo capitalista democrático e jogar toda uma sociedade confusa, apenquorada, acovardada e perplexa num buraco.

Será que sociedade Brasileira, desabituada aos exemplos de agir com a força da consciência e do direito, manifestará a sua falta de civismo com a violência estúpida das sociedades primitivas, sem discernimento do certo, do bem sucedido, do justo, do

Editorial Nº 49
Ano 2016

ALVISSAREIROS TEMPOS DIGITAIS

Passada a turbulência da alternância do poder supremo da nação via processo político e constitucional sob a tutela do poder judiciário, os empresários agora voltam seus olhos e esperanças para as ações dos poderes executivo e legislativo, que redundam em medidas para criação de um ambiente propício para a retomada da economia e a recuperação dos negócios, trazendo na sua esteira os importantes empregos perdidos nos últimos tempos.

Estabelecer o teto e limites para a correção anual dos gastos da máquina pública e fixar regras e parâmetros realísticos para que o sistema de Previdência Social pague o que é justo aos seus beneficiários; são duas entre tantas outras principais condições imprescindíveis para sinalizar ao mercado mundial que parte da lucratividade da política e da economia brasileira dos últimos anos, terá de agora em diante, tratamento menos demagógico a limitar a sanha socializante que tomara conta das decisões econômicas naquela que era tida como a 6ª economia mundial em 2011.

Além das medidas iniciais dos poderes executivo e legislativo, impartam tanto quanto, as recentes decisões do poder judiciário que - finalmente - sinalizam para as corporações poderosas e seus agora infaustos dirigentes a obediência do cumprimento das normas e leis que regem a sociedade e a economia de um país que pretende se tornar uma nação desenvolvida.

Recentemente com toda a sociedade e o empresário se manifestando publicamente contra os desmaizes daqueles que deveriam cuidar do interesse público nacional, assistimos ao surgimento de uma nova consciência facilitada sobejamente pelas socializantes ferramentas eletrônicas do mundo digital.

Informações reais sobre os poderosos que controlam a economia e a política da nação, de repente se tornaram disponíveis, cristalinas e acessíveis a todas as camadas da sociedade, graças à inserção digital.

A internet e as redes sociais para além do bem e do mal, colaboraram decisivamente para incorporar ao processo das últimas eleições municipais um novo ato, que é o eleitor com mais ricas informações e que se utiliza delas para a formação de uma nova opinião, coisa que nunca houvera no passado.



por Antônio Eduardo Baggio - Presidente

Quinto maior país do mundo em extensão territorial e terceiro em área agrícola, com redundância na quinta maior população do mundo e a maior carga tributária entre todas as nações do globo terrestre, que redundam na quarta maior massa de tributos arrecadados no mundo, o Brasil é rico, muito rico, tão rico que os políticos e seus associados estavam roubando da nação quantias na escala dos bilhões.

É a consciência deste portento de país que devemos despertar para que a população não veja no trabalho dos agentes públicos e políticos, bonesses e sim obrigação, pois são empregados da sociedade e a ela devem prestar contas e bons resultados.

Para um país que teve 34% de carga tributária em 2013 e trabalhou com um déficit de 10% do PIB para cobrir um rombo de 12% nas contas da Previdência, uma conta de 8% dos juros e aplicou somente 2,5% em investimentos públicos (PAC incluído) e 0,5% em Programas Sociais, há que se perguntar: Aonde foram parar os 21% restantes do bolo? Tem algo de muito errado saindo pelo ralo da ineficiência da administração pública nos 3 poderes e nas desneceárias 3 instâncias da administração, aliados à resistente corrupção sistêmica que se instalou no seio das atividades públicas e particulares da nação.

Temos esperança de que, com o despertar cada vez maior dessa consciência que está sendo proporcionada pelas mídias eletrônicas, doravante, manobrar e iludir toda uma população durante muito tempo, se tornará uma tarefa impossível.

Nós industriais, geradores de produtos, processos, fábricas, empregos e de parte da riqueza do país, na esteira destes novos tempos, devemos nos postar juntos na linha de frente das reivindicações da sociedade, exigindo dos agentes públicos e privados, um comportamento ético e probe e um desempenho com responsabilidade e competência.

Editorial Nº 51
Ano 2016

PENSAR O NOVO...

Em 09/10/2015 presidi assembleia do nosso Sinpapel, na qual votamos uma proposição de minha autoria, mudando o Estatuto no tocante à reeleição.

Esta proposição, alterou o dispositivo que permitia reeleições "Ad Eternum" vetando a reeleição do presidente da entidade por mais de um período consecutivo a partir da citada data, de forma a permitir a eleição de um novo presidente que traga uma aeração de ideias e projetos que se transformem em benefícios a todos os associados do nosso sindicato.

Todos nós sabemos que uma entidade dirigida com poucos recursos e sem meios de propiciar benesses aos seus dirigentes, torna-se automaticamente desinteressante de ser gerida, pois muito poucos empresários tem o desprendimento de gastar seu precioso tempo em benefício de outrem sem remuneração ou vantagens que compensem o trabalho extra.

Isto afasta a maioria dos pré-interessados que às vezes equivocadamente enxergam na atividade algum glamour, poder ou vantagem.

Esta alteração do Estatuto traz no seu bojo o motivo maior para que aqueles que dispuserem ger-la uma ou duas vezes, o façam com espírito altruísta.

E é com o exercício inequívoco do mais alto espírito altruísta que entendemos devem-se estar permeados os mandatos dos dirigentes de entidades classistas como a nossa, bem como os



por Antônio Eduardo Baggio - Presidente

demaís cargos eletivos nas entidades empresariais e nos executivos dos governos nas três esferas de poder.

Estimamos que dois mandatos são suficientes para qualquer dirigente colocar em prática a maioria dos seus bons planos e belas ideias. Continuar além disto pode ser penoso e pouco eficaz pela provável escassez de novos projetos.

A renovação de ideias e de projetos vinda no cerne das mudanças dos mandatos é benéfica a toda a coletividade, porquanto eivada de seiva nova que alimenta a árvore da evolução das organizações sociais.

E é a certeza da alternância que cria terreno fértil, propício para o nascimento das boas ideias e novos projetos que irão gerar as mudanças evolutivas que fazem parte das melhores sociedades progressistas do planeta.

Foi com esta crença e na esperança de dias de novas ideias e ideais e de maior progresso para as empresas Associadas ao Sinpapel, que, contrariando a crença vigente, me toquei que era chegada o momento de alterar o Estatuto e aceitar o desafio de encontrar algum abnegado e altruísta industrial talentoso do nosso setor a quem possa transmitir o cargo de Presidente da entidade nas próximas eleições.

Editorial Nº 55
Ano 2017

ESPERANÇA DE MUDANÇA

A nossa indústria tendo passado tempos difíceis impostos pelas conjunturas econômicas advindas em parte das ações ou falta delas nos dois últimos governos, respira fundo na esperança de uma mudança positiva na composição das forças políticas que irão governar nosso Estado e o Brasil a partir de 2019.

Vem de longe, em ondas sucessivas, desde os anos 90, as lições preconizadas pelo mundo globalizado aos industriais Brasileiros que tem lutado para aplicá-las nas suas empresas, de modo que seus negócios possam evoluir e prosperar neste mundo conectado, globalizado e altamente competitivo.

Como um atleta de saltos com barreiras, o industrial Brasileiro percorre diuturnamente uma pista repleta de obstáculos que dificultam o desenvolvimento da sua empresa, alguns destes sinalizados e outros imprevisíveis como a última greve dos caminhoneiros. O resultado é um saldo de empresas mortificadas, abatidas em pleno voo, que deixam um rastro de desempregos e dívidas com o estamento social, pois nem o mais precavido empresário poderia estar preparado para enfrentar eventos tão destrutivos e inesperados, provocados pela imperícia de um governo apóstata.

Felizmente a Indústria não está sozinha no seu esforço de pertencer à modernidade, pois a nossa sociedade também vem fazendo, mesmo que de modo às vezes um pouco tatibitati, o seu dever de casa, a exemplo das decisões da Justiça e do Ministério Público pautando o comportamento que se tolerará doravante daqueles que se propõem a trabalhar com e nos executivos e legislativos país a fora.

A necessidade de mudança que traz consigo a esperança está no cerne das transformações que movem as sociedades progressistas no mundo.



Antônio Eduardo Baggio - Presidente

Vermos, participarmos e convivemos em sociedades que se movem rumo a melhores realizações sociais e humanas, com uma orientação democrática, com a prevalência da lei e da ordem, com a dominância da moral, da ética e da dignidade, aliadas ao trabalho sério e profícuo, é o anseio da maioria das pessoas do país.

Por isso neste 2018 que se esvai lenta e penosamente, com muito pouco a se comemorar quando analisado da ótica atual, ver que está sendo plantada a semente da mudança do que poderá vir a ser um país melhor, nos enche de esperança certamente.

Inúmeros são os exemplos das mudanças que estão pulsando nos ares e que espocam em todos os meios e organismos sociais com mentalidade esclarecida, em uma demonstração de intolância das forças sociais com as antigas e deletérias práticas de comando na sociedade Brasileira, entre elas as mudanças de gestão, como na direção desta nova FIEMG sob a batuta do jovem e dinâmico empresário Flávio Roscoe Nogueira na qual se conjuntem o vigor e a força do novo com sua inteligência, aliada a um nova dinâmica sobre a eficiência da aplicação dos recursos acrescida do denodo no trato dos interesses dos industriais Mineiros, numa luta que será crescente e incessante em busca da inserção das indústrias Mineiras no concerto das empresas competentes e competitivas deste mundo globalizado.

Bem-vinda a Mudança e sua irmã gêmea a Esperança.

Editorial Nº 57
Ano 2017

COMPROMISSO E SUPORTE ÀS ASSOCIADAS NAS RELAÇÕES TRABALHISTAS



**Por Mário Pinto de Oliveira
Diretor Trabalhista**

Na diretoria que nos foi confiada já há alguns anos, buscamos contribuir com dedicação e trabalho nas atividades a nós atribuídas pelo Estatuto para o devido apoio a nossas Associadas. As Convenções Coletivas de Trabalho, graças a negociações positivas, transparentes e respeitadas vem sendo concluídas ao longo dos anos sempre entre o SINPAPEL e os representantes dos trabalhadores sem necessidade de intermediação de órgãos do Ministério do Trabalho. Temos também assessorado diversas associadas nas suas necessidades com Acordos Coletivos tanto nas datas-base, como em negociações diretas de Acordos Específicos para Horários de Trabalho, Banco de Horas, Participação nos Resultados e outros, além da realização de palestras quando solicitadas. Tanto nas CCTs como nos ACTs específicos, ressaltamos a postura dos dirigentes sindicais, pelo que cumprimentamos e agradecemos, a todos, nas pessoas de Geraldo Dionísio e Ismael Bispo – FETIPEMG e Cláudio José – CNTI. Além das negociações e orientações em reuniões de diretoria, temos realizado atendimentos a diversas demandas e notificações individuais de associadas junto a Sindicatos, Ministério do Trabalho e Emprego,

Ministério Público do Trabalho e outros órgãos. Para termos melhores condições de contribuir nas demandas, buscamos participar de diversos Grupos de Trabalhos e Estudos em discussões de temas importantes para nosso setor, como ocorreu quando da nova versão da NR-12 e da Lei 13467/2017-Reforma Trabalhista. Sempre tivemos total apoio da Presidência para exercer nosso mister e participar de eventos das áreas trabalhistas e jurídicas, onde destacamos o SINPEL-Simpósio Intersindical de Negociações Coletivas das Indústrias de Celulose, Papel, Papelão e Artefatos, que uma vez por ano reúne todos os sindicatos patronais do país, representantes das principais entidades e empresas de nosso setor para análise e debates sobre as negociações e os principais temas em cada momento. Em 2016 tivemos a honra de sediar um SINPEL pela primeira vez em Minas Gerais, o 22º, evento realizado com êxito total onde contamos com o apoio da FIEMG, patrocínio de diversas associadas, palestrantes de altos quilates e expressivo número de participantes de todas as regiões do país. Que todas as associadas continuem conosco e valorizem cada vez mais o SINPAPEL é o que desejamos.



Negociação 2011



Assembleia Patronal em 2012

O diferencial dos seus produtos está nos detalhes...



...como a cola que você usa.

Cola vegetal para os mais diversos tipos de papéis com a viscosidade que você precisa sem perder a qualidade.

SAMCOLA



Negociadores Patronais 2010



Negociadores Laborais 2012



Reunião com negociadores empresariais 2015



22º SINPEL - 2016

Seu produto combina com as nossas embalagens

A INPA é uma indústria mineira de capital 100% nacional, situada na cidade de Pirapetinga, em Minas Gerais. A empresa tem uma capacidade instalada de 12.000 ton. de papel e 7.500 ton. de papelão ondulado. Estamos no mercado de embalagens há 43 anos, com uma planta moderna, verticalizada, totalizando uma área construída de 50mil m² e mais de 900 funcionários diretos. A empresa recicla, anualmente, cerca de 100 mil ton. de aparas, evitando o corte de mais de 2 milhões de árvores, preservando e respeitando o meio ambiente. A INPA tem representantes comerciais em todas as principais capitais, atuando em vários segmentos como o de produtos alimentícios, frigoríficos, laticínios, cerâmica, limpeza, vidros, eletrodomésticos, bebidas, química, siderúrgica, confecções, enlatados e petrolíferas. Temos uma equipe de profissionais altamente capacitados, prontos para atender às expectativas e necessidades de nossos clientes. Para maior conforto e facilidade a INPA dispõe de um Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC) que recebe sugestões e fornece informações.

A INPA comercializa, também, os papéis de sua fabricação: papel miolo, papel capa, papel testliner e white top liner.



Matriz: Rua INPA, 186 - Pirapetinga - MG - 36730-000
Tel: 32 3465-3000
email: inpa@inpa-embalagens.com.br

Filial RJ: Av. das Américas 4.200 - Bl 2 - Conj. 112 a 116
Edifício New York - Barra da Tijuca - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22.640-102
Tel: 21 2136-9000 Fax: 21 2136 - 9001
email: comercial-rj@inpa-embalagens.com.br

Filial SP: Av. Brigadeiro Faria Lima, 1903 - Conj. 35 - 3º andar
Jardim Paulistano - São Paulo - SP
CEP: 01.451-916
Tel: 11 2105-9000 Fax: 11 2105 - 9001
email: comercial-sp@inpa-embalagens.com.br



DIFERIMENTO DO ICMS PARA AQUISIÇÃO DE EMBALAGENS

As indústrias mineiras de embalagens sofriam com a concorrência de indústrias de outros estados, tendo em vista o custo do ICMS por elas devido e as restrições impostas pelo Estado de Minas Gerais ao aproveitamento do respectivo crédito pelos adquirentes. Esta situação propiciava a compra de fornecedores situados fora de Minas Gerais.

Diante da situação, ao longo do ano de 2008 o SINPAPEL com o apoio da Federação das Indústrias de Minas Gerais, após várias tratativas com a Secretaria de Fazenda de Minas – SEF/MG obteve um relevante incentivo para as indústrias mineiras.

As tratativas permitiram as indústrias o diferimento do ICMS nas saídas de caixa de papel ou cartão (ondulados), caixa dobrável de papel ou cartão (não ondulados), saco de papel, bolsas e cartuchos, promovidas pelo estabelecimento industrial fabricante com destino à indústria que as utiliza para embalagem de seus produtos.

Além do benefício acima, no mesmo ano, também foi atendido pela SEF/MG outro pleito da entidade, permitindo o diferimento do ICMS para a saída de papel testliner, ou de papel e cartão ondulados, mesmo perfurados, promovida pelo estabelecimento industrial fabricante com destino à indústria que os utiliza como matéria-prima para fabricação de embalagem.



Embora tenha sido elaborado pela SEF/MG o Tratamento Tributário Setorial para as indústrias de papel, papelão, embalagens de papel e papelão e embalagens de polpa moldada, a pedido do SINPAPEL, as duas hipóteses de diferimento do ICMS listadas acima permanecem disciplinadas no Regulamento do ICMS de Minas, Anexo II, Parte 1, itens 69 e 70, sem necessidade de Regime Especial de Tributação.

As medidas foram bem recebidas pelo setor, pois estimularam as aquisições de embalagens dos fornecedores mineiros.

Flávia Sales Campos Vale
Gerência Tributária FIEMG





CARTONAGEM LÍDER

A embalagem não é apenas um mero detalhe.



ESTRUTURA DE 2.000 M2



EQUIPAMENTOS DE PONTA



MAIOR ESTOQUE, MAIS AGILIDADE



ARMAZENAGEM E LOGÍSTICA

Caixas de Papelão ondulado e micro ondulado.
Chapas e acessórios em papelão ondulado.

www.cartonagemlider.com.br

✉ vendas@cartonagemlider.com.br

📱 [@cartonagemlider.com.br](https://www.instagram.com/cartonagemlider.com.br)

Desenvolvemos QUALQUER MODELO.

RAPIDEZ, PONTUALIDADE E QUALIDADE.

Rua Baependi, 117 - Bairro Vila Paris - Contagem
Minas Gerais - CEP : 32.372 - 040 ☎ (31) 3476 - 8033

Sinpapel

Há 75 Anos

Belo Horizonte, era uma cidade de 214 mil habitantes, equivalente à população atual da cidade de Santa Luzia, na Região Metropolitana, quando no dia 23 de agosto de 1943 o Sindicato dos Fabricantes de Papel e Artefactos de Papel de Bello Horizonte passou a existir oficialmente. O Ministério do Trabalho e Emprego emitiu, então, a Carta Sindical, que possibilitou o reconhecimento da entidade, cuja criação começou a ser articulada na década anterior. Liderada pelos empresários Lauro Gomes Vidal, nome influente no comércio e na indústria da capital, e Elpídio Lima Rosa, a entidade teve a homologação definida no momento em que Minas Gerais começava a buscar a diversificação de sua economia com o apoio do empresariado.

Um mês após a oficialização da entidade dos fabricantes de papel, Lauro Gomes foi notícia no jornal Estado de Minas. Em página inteira, o principal veículo de comunicação do estado descrevia o evento em que o empresário era homenageado pela Associação Comercial de Minas, onde foi presidente. Era o reconhecimento da relevância dele como um dos líderes mais importantes na condução de iniciativas e articulações entre os setores produtivo e público para viabilizar o crescimento da economia de Minas. Em especial, da industrialização.

A década de 1940 marca momentos importantes para a industrialização do país, sob o cenário da ditadura do governo de Getúlio Vargas e da segunda Guerra Mundial. Com problemas de importação de máquinas, insumos e produtos, inclusive gasolina, a economia brasileira começava um processo de modernização. Essencialmente agrícola, dependente de produtos importados e exportador de café, o Brasil tinha 80,5% da sua população de 41 milhões de pessoas morando em zonas rurais.

Em Minas, o prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, depois governador, e o presidente Vargas apostaram na criação de empresas que trouxessem investimentos e empregos para o Estado. Um dos marcos da busca de modernização mineira e da capital foi dado em 1941, com a criação da Cidade Industrial, na região metropolitana da capital. Foi o primeiro distrito industrial planejado do país, em Contagem, com linhas férreas desviadas para atender às novas empresas que ali se instalavam.

Industrialização pioneira

No Brasil, a história da produção do papel tem um desenvolvimento tardio. As primeiras fábricas de papel nasceram a partir de subvenções de D. Pedro II, em 1886. Em 1893, já com o fim do império, a praça da Sé, na região central da capital de São Paulo, recebeu a Fábrica de Sacos São José. Foi uma iniciativa pioneira, seguida lentamente por outros empresários com um perfil comum de comerciantes com origens na produção de café.



A criação de indústrias de papéis no nosso Estado, particularmente na nova capital, começa ser viabilizada, na realidade, entre as décadas de 1920 e 1930, com a instalação das primeiras unidades fabricantes do produto. Criada em 1933, a Federação das Indústrias de Minas Gerais, a Fiemg, já tinha a Fábrica de Papel Cruzeiro S/A como associada. A indústria tinha escritório na rua Tamóios, 64, e a fábrica rua Santa Quitéria, 300, tendo como sócios os empresários José de Moraes, Pedro Giannetti e Américo Renê Giannetti, um dos principais industriais mineiros que, além de um dos fundadores da Fiemg e diretor da Associação Comercial de Minas, foi prefeito de Belo Horizonte na década de 1950. Outras quatro empresas integravam o grupo de pioneiras da federação representante dos industriais.

Articulação

Como o fundador e presidente da Fiemg Giannetti, Lauro Gomes Vidal, o primeiro presidente do Sinpapel, era uma típica liderança empresarial surgida no período. O documento "100 anos da Associação Comercial de Minas" destaca que, o estado vivia, na década de 1930, o atraso relativo de sua economia, comparada com as de São Paulo e do Rio de Janeiro. "Não foi, assim, por acaso, que desde 1903 o tema predominante em todos os congressos de representantes dos setores produtivos venha sendo a necessidade de formulação de projeto de desenvolvimento econômico para Minas", relata o documento da ACMinas.

Enquanto a segunda Guerra Mundial de desenrolava, com fortes impactos sobre a economia brasileira e o cotidiano de sociedade, o jornal Estado de Minas relatava, na edição do dia 4 de junho de 1943, que os produtores realizaram uma reunião na Federação das Indústrias em que reclamavam das dificuldades de abastecimento de laminados e cimentos. Na realidade, durante todo o conflito as importações de produtos acabados, inclusive papel, e celulose foram muito afetados. O que teve o seu lado positivo, pois a escassez da oferta estimulou investimentos para reduzir a dependência da produção externa. Para os industriais, era, segundo o jornal, inadiável e imperiosa a criação de um Escritório Regional de Coordenação de Mobilização Econômica para viabilizar o fortalecimento da economia regional.

Função do papel

A década de 1940 foi um período importante para a transição do perfil econômico de Minas Gerais. E de Belo Horizonte, em especial. “As indústrias que vieram para Minas passariam a se concentrar na Cidade Industrial de Contagem, recém-instalada”, recorda o livro “100 anos de história da AC Minas. O comércio se ajustava, na região central da capital, sofrendo mutações e adaptações necessárias aos novos tempos, à dinâmica da economia e da ocupação do espaço urbano.



Mais lentamente do que outras partes do mundo desenvolvido, o mercado de consumo mantinha os traços da sociedade primeira etapa da revolução industrial. O consumo de massa, caracterizador da segunda revolução industrial, chegava ainda lentamente. A produção de papel era destinada a atender demandas semelhantes às do início do século passado. Pouquíssimos produtos eram embalados para a venda. Na época, os sacos de papel eram produzidos sem impressão e confeccionados à mão.

Pessoas com mais de 50 anos ainda têm alguma memória dos armazéns e dos açougues do passado, fenômeno ainda bastante presente até o final dos anos 1960. Os alimentos vendidos a granel, pesados no balcão e colocados em sacos de papel. Na década de 1950, o

desenvolvimento das impressoras colaborou para o início da mudança, que propiciou a evolução das embalagens, além dos sacos tradicionais, com recursos de impressão. Inclusive porque o Brasil começou a ter as primeiras fabricantes de máquinas para a produção de sacos de papel e bobinas.

O segundo governo de Getúlio Vargas, que se matou em 1954, e a presidência de Juscelino Kubitschek, foram determinantes para o salto industrial do país, inclusive para a cadeia de produção de papel, papelão, celulose e embalagem. No pós-guerra e início da Guerra Fria, o capitalismo assumia novas feições na formação da sociedade do consumo. O plano de metas de Kubitschek, formatado na proposta de desenvolvimento de 50 anos em 5, incluiu planos de estímulo para o setor de papel e de celulose.

Entre os industriais era crescente a percepção de que o Brasil poderia ser grande fornecedor de matérias-primas, particularmente de celulose. A meta do governo era de estimular a auto-suficiência na produção de papel, com uma produção de 260 mil toneladas ao ano, o triplo da capacidade contabilizada em 1955. Em 1956, o consumo interno de papéis diversos e de papelões atingia cerca de 910 mil toneladas anuais, completamente abastecido pela indústria nacional.

Avanços conquistados nos anos 1950, inclusive a consolidação do uso de papel ondulado para a fabricação de caixas, foram seguidos por grandes alterações no setor de papel e celulose nas duas décadas seguintes. Com apoio governamental e atração de investidores estrangeiros, a indústria do papel viabilizou a expansão no sistema produtivo nacional. Foi uma etapa de fortalecimento da rede de produção e, mesmo, de consumo.

Avanços da celulose

Tempo de instabilidade política, os anos 1960 e 1970 foram importantes pelas grandes transformações do setor de papel e celulose. O livro “A História da Indústria de Celulose e Papel no Brasil” constata que a indústria expandiu-se com o apoio estatal e aos poucos se

OPÇÃO
OPCAO 18
EMBALAGENS LTDA.

RUA FIAT, 420 - DIST. IND. JARDIM PIEMONT NORTE

BETIM / MG - CEP: 32689-366

www.opcaoembalagensmg.com.br

vendas@opcaoembalagensmg.com.br

 [opcaoembalagens](https://www.facebook.com/opcaoembalagens)

CAIXAS DE PAPELÃO ONDULADO

**Personalizadas ; Reciclado;
Kraft; Branco e Resinados ;
Bobinas; Caixas de Sorvete .**

(31) 3597-0488

 **(31) 99635-5460**

(31) 98744-4230

consolidou, em bases muito sólidas, atraindo a atenção dos investidores internacionais, dispostos a assumir riscos com o empresariado nacional. Ao mesmo tempo, houve um esforço para ampliar a base geográfica onde se concentravam as unidades industriais mais importantes.

Na prática, relatam os historiadores, os anos de 1960 e 1970 marcaram a consolidação da indústria de celulose e papel no Brasil com o surgimento de novas empresas e ampliação da capacidade de produção das já existentes. O ambiente favorável atraiu os grandes fornecedores mundiais de máquinas, equipamentos e produtos químicos, que se tornaram parceiros do setor de celulose e papel no país. Além disso, vários fabricantes nacionais ampliaram sua atuação, vezes desenvolvendo produtos para atender as dificuldades de importação e a redução de custos.

Em Minas, o avanço da indústria local ganhou força com apoio governamental, graças a uma nova infraestrutura de apoio ao desenvolvimento econômico. Com apoio da Federação das Indústrias e de entidades como o Sindicato das Indústrias de Papel, entre os anos 1960 e 1970 foram criados órgãos estratégicos como o Banco Desenvolvimento Econômico de Minas, a Fundação João Pinheiro e o Instituto de Desenvolvimento Industrial. A economia mineira comemorava, no início de 1962, a inauguração da Usiminas em Ipatinga, reforçando o interesse em se fortalecer. A Fiemg liderou uma campanha para assegurar a abertura da estrada que ligaria Belo Horizonte ao Vale do Aço, a atual BR-262.

Um dado importante do cenário de intervenção do setor público no setor de produção de papel foi a adoção de incentivos fiscais para iniciativas de reflorestamento. A partir da regulamentação da Lei 5.106, de 2 de setembro de 1966, que dispunha sobre incentivos fiscais concedidos para empreendimentos florestais, empresas e pessoas físicas poderiam descontar do Imposto de Renda até 50% do valor devido na atividade. “A iniciativa elevou grandemente o interesse pela atividade de reflorestamento”, atesta o livro “A História da Indústria de Celulose e Papel no Brasil”.

Um efeito prático dos estímulos ao reflorestamento em Minas foi a criação da Celulose Nipo-Brasileira - Cenibra. Fundada no dia 13 de setembro de 1973, a instalação da indústria em Belo Oriente, no Vale do Aço, foi o resultado da união da Companhia Vale do Rio Doce, a atual Vale, com a Japan Brazil Paper and Pulp Resources Development CO (JBP), grupo de empresas japonesas, de larga experiência no relacionamento com o Brasil. Em julho de 2001, com a decisão da CVRD de se desfazer de sua participação em empresas de base florestal, a JBP passou a ser detentora do controle acionário total da Cenibra.

Modernização do mercado de consumo

A década de 1980 foi marcante para as indústrias do setor de papéis no Brasil. Enquanto a economia brasileira vivia um período de estagnação, decorrentes de alta inflação e impactos da dívida externa, sob um contexto

de crise global após o choque do petróleo, o setor de papéis vivia um momento de vitalidade, com crescimento médio anual de 4,8%. No período, a indústria de papel ocupou a posição de décima segunda maior produtora do mundo.

No segmento de embalagens, um dado importante foi a maturidade do mercado de consumo sob novas lógicas, focadas no marketing. A inauguração do BH Shopping em 1979, o primeiro centro de consumo de massa em Belo Horizonte, tem significados importantes para a produção. Um processo iniciado no exterior há décadas, com a criação dos supermercados e, posteriormente, os supermercados, possibilitou a introdução de uma nova lógica da comercialização de produtos.

“Se antes a informação aos consumidores era feita por balconistas, a partir da criação do supermercado as próprias embalagens teriam que desempenhar a tarefa de vender os produtos”, atesta a cartilha “A Evolução da Embalagem”, produzida pelo Sinpapel com o objetivo de resgatar a história do produto. Foi, segundo a publicação, uma verdadeira revolução no mundo das embalagens. “A partir desse momento, além de guardar, transportar, proteger e conservar o produto, elas passaram a ter que informar sobre o produto e vendê-lo.”

No final da década de 1990, os papéis para embalagens correspondiam a 84,86% do total ofertado pelas indústrias mineiras de papel. Com destaque para o papelão ondulado, em que o estado tinha a quarta maior produção do País, para bobinas de papel para embalagens e papelão e papel para embrulhos. O segundo tipo de papel em importância produzido pela indústria mineira era o sanitário. Os dados fazem parte da pesquisa “Panorama da Indústria de Papel no Estado de Minas Gerais”, um estudo do setor realizado pelo Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais (Indi) no início dos anos 2000.

Milson Mundim

O Renovador

O mundo vivia, na segunda metade dos anos 1990, a eferescência do poder crescente da informatização e os primeiros anos da internet quando o empresário Milson Mundim assumiu a presidência do Sinpapel. Não foi o resultado de um projeto pessoal,

articulado com grupos interessados pelo comando da entidade que representa os industriais do setor de papel, papelão e celulose. Ao contrário, foi uma combinação de acasos, em que a pessoa certa estava no lugar certo para oferecer solução para problemas do momento.

O sindicato tinha um problema no ano anterior, 1996. Precisava de alguém com habilidades fortes em liderança e intermediação para conduzir a negociação anual de salários entre empregados e empregadores do setor. O processo tramitava já na Justiça do Trabalho, sem a contrapartida dos empregadores, demandando uma ação urgente



da entidade. “O superintendente-geral da Fiemg na época, César Vanucci, também companheiro de Lions Clube, ligou para mim uma noite me convidando a ajudar nas negociações”, recorda Mundim. Em pouco tempo, assumiu o papel de negociador, passando, em seguida, a diretor e a presidente do Sinpapel.

Com formação em direito e administração de empresas e mais de 40 anos de experiência em comercialização e distribuição de aços, Milson Mundim era, na época, um recém-chegado ao segmento das indústrias de papel. Em 1995 ele comprou uma participação na Setorial Indústria Nacional de Papel e Embalagem, empresa especializada em produção de sacos de papel, fornecidos especialmente para supermercados, padarias e lojas em geral. Tipicamente, transformação de papel em embalagens.

Com pouco mais de dois anos de atuação como industrial de papel, ele assumiu a presidência do Sinpapel, em 1997, com disposição de ampliar as ações sindicais. “Já partimos para ideias inovadoras”, recorda o empresário. Com visão pioneira e espírito inquieto, que o mantém ativo ainda hoje, promoveu iniciativas que possibilitaram investimentos em formação de mão de obra e absorção de novos conceitos, como a conscientização sobre o tema emergente da utilização de papel reciclado.

Ao pesquisar iniciativas das entidades empresariais, descobriu a existência de uma escola-volante, uma minifábrica de papel que circulava pelo país e América Latina oferecendo treinamento para trabalhadores em indústrias gráficas. “Promovemos uma feira inovadora, com o objetivo de integração entre tecnologia e o sindicato, iniciativa importante para a entidade, de pequeno porte na comparação com as outras integrantes da Fiemg”, assinala Milson Mundim.

Outra iniciativa essencial para o fortalecimento do sindicato foi a negociação com o Senai para a criação na unidade do bairro Horto, em Belo Horizonte, de um laboratório de controle de qualidade que foi montado durante a sua gestão e uma escola de impressão flexográfica que se materializou na gestão do presidente Antônio Eduardo Baggio, graças em grande parte aos esforços e habilidades do vice-presidente Edson Gonçalves de Salles

em conseguir verbas junto ao Sistema para a compra da impressora FEVA. A estrutura de testes de papel resolveu um problema comum para as indústrias que frequentemente tinham fornecedores em outros estados. “Eliminamos a dependência que existia do IPT, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas”, diz o ex-presidente do Sinpapel. Além disso, a entidade se envolveu em negociações com o poder público para o fortalecimento do mercado de papel reciclado.

César Vanucci, o ex-superintendente da Fiemg, reconhece a importância da atuação de Milson Mundim na entidade. “Ele se destacava muito na capacidade de negociar, harmonizar e dialogar” resume. Além do poder de criação de alternativas para o fortalecimento da entidade. Ele soube aproveitar o relacionamento com profissionais de imprensa para projetar externamente as suas iniciativas e a imagem do sindicato.

Hoje, com 85 anos, com uma agilidade que nega todos os estereótipos de idade, Milson Mundim atribui a capacidade de negociação a uma dupla militância na trajetória pessoal. De um lado, o empresário, que passou a vida profissional lidando com fornecedores, clientes e com o público em geral. De outro, a atuação como presidente da Associação de Pais de Alunos do Colégio Loyola, onde estudaram os cinco bem formados filhos.

Antônio Eduardo Baggio

O Inovador

O futuro do papel passa pela reinvenção como alternativa sustentável às demandas da sociedade. O caminho está sendo percorrido por pesquisas que marcam o século 21 como um período de inovações. A previsão é de Antônio Eduardo Baggio, presidente do Sinpapel. Nos últimos anos, desde 2003, o empresário, sócio-diretor da Imballaggio, comanda a entidade como um porta-voz dos industriais do setor de celulose, papel, papelão e embalagens e defensor de causas relacionadas ao uso da matéria-prima sustentável.



EMBALAGENS PERSONALIZADAS,
DESENVOLVIDAS E PRODUZIDAS
EXCLUSIVAMENTE COM AS
CARACTERÍSTICAS DE
CADA CLIENTE.
UTILIZANDO PAPEL CARTÃO,
TRIPLEX, DUPLEX, KRAFT,
RECICLATO, OFF SET OU PAPELÃO
COM IMPRESSÕES DE UMA
COR A POLICROMIA.
(31) 3464.4049
WWW.EMBALAGENSBARBIERI.COM.BR
AV. PRES. TANCREDO NEVES, 4107 • CASTELO
BELO HORIZONTE • MINAS GERAIS



“Há grande número de pesquisas por parte das empresas de celulose e papel para tentar descobrir novas funcionalidades para o material de celulósico, com o objetivo de desenvolver papéis com funcionalidades de plásticos oriundos de mandioca, de milho e de outros produtos que possibilitem o descarte sem impactos na natureza”, diz o empresário. Para ele, “em alguns anos, quando a sociedade olhar para trás, vai ver o uso do plástico como algo tão anômalo como foi a escravidão no Brasil ou qualquer outra aberração histórica”.

A justificativa é de que, por mais que o plástico tenha pontos positivos, devido ao custo baixo, sempre há uma perda para o meioambiente e para sociedade. Exemplo da gravidade da situação é a existência, no Oceano Pacífico, de uma área coberta por plásticos do tamanho de Minas Gerais, com um metro e meio de espessura. A poluição é, segundo ele, o calcanhar de aquiles do produto.

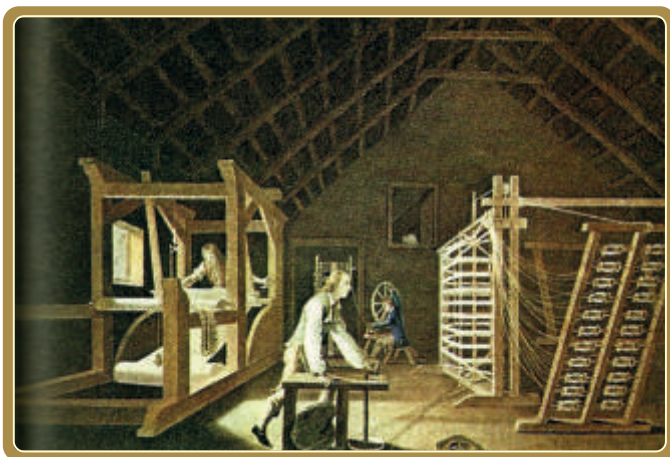
A consciência da situação leva a um esforço de aproximação da pesquisa e o desenvolvimento de produtos que tenham características melhores de protetividade, das embalagens, visando um aumento da vida útil, shelf life, dos produtos. “Já existem produtos com melhores características”, assinala Antônio E. Baggio, para quem este é um mundo que somente se desenha ainda.

Atuação

Antônio Eduardo Baggio tem sido, à frente do Sinpapel desde 2003, uma testemunha e um agente de mudanças do mercado mineiro. As estratégias de representação e defesa dos industriais estão à mostra. Dentre as iniciativas que ele destaca como as mais relevantes estão, o Condomínio Industrial do Papel, em Lagoa Santa, criado como uma infraestrutura de integração da cadeia produtiva do setor. Da criação de publicações às negociações, as ações envolvem a conscientização e antecipação das mudanças do setor.

Além da evolução do papel enquanto matéria-prima, o mercado tende a gerar mudanças no ambiente de competição e de consumo do mercado. De um lado, um grande universo de micro-indústrias que atenderão lotes reduzidos de produtos. E grandes empresas, concentradas em unidades cada vez maiores, com equipamentos de elevada produtividade, capazes de atender a demanda de outras grandes indústrias.

“Fábricas de embalagem vão continuar existindo enquanto houver o pequeno produtor artesanal de alguma coisa, como alimentos, o que vai ficando cada vez mais difícil, diante das exigências de controle, de certificação. A tendência é segmentação entre o micro e o grande, com a perda de espaço para médios produtores”.



DIREITOS X PRIVILÉGIOS

Por **Flávio Roscoe**
Presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais
(Sistema Fiemg)



A sociedade brasileira paga hoje alto preço pela omissão do governo na realização das reformas estruturais necessárias para garantir competitividade à economia nacional. Pagaremos preço ainda mais elevado se elas não forem feitas agora, quando a eleição de novos governantes e novos congressistas nos oferece a oportunidade de fazer grandes mudanças. Não podemos vacilar. É preciso pensar no país e nas gerações futuras!

Embora muitos insistam em distorcer a realidade, a verdade é que não se trata de nenhuma “escolha de Sofia”. A morosidade na tramitação das reformas e os sucessivos recuos das lideranças políticas no momento de aprová-las são consequência da utilização de argumentos falaciosos, dissimulados sob o manto dos chamados “direitos adquiridos”, que são, em verdade, “privilégios adquiridos”.

A reforma da previdência pública, a mais urgente a ser feita, é o melhor exemplo de “privilégios adquiridos”. Enquanto no setor privado a média das aposentadorias pagas pelo INSS é de R\$ 1.659 (dados de 2014), no serviço público chega a R\$ 7 mil (Executivo), R\$ 18 mil (Ministério Público), R\$ 26,3 mil (Judiciário) e R\$ 28,5 mil (Legislativo).

Costumo dizer que a legislação previdenciária brasileira corresponde, na prática, ao maior programa de concentração de renda do planeta. Além da disparidade no valor das aposentadorias, há ainda mais. No INSS, 25 milhões de aposentados e pensionistas produzem um déficit de R\$ 46,8 bilhões – R\$ 151,8 bilhões quando incluídos os aposentados do setor rural, que nunca contribuíram com a previdência. No serviço público, 2,878 milhões de funcionários (oito vezes menos do que no setor privado) custam R\$ 133,4 bilhões.

Com tanta conta a pagar, o Estado avança sobre o bolso dos cidadãos e sobre o caixa das empresas, criando uma das maiores cargas tributárias do mundo e tornando-se maior do que a própria sociedade a quem deveria servir. O gigantismo do Estado é um desafio que a sociedade brasileira precisa enfrentar e que só ela será capaz de resolver. Com a mesma energia com que foi às urnas para dizer que não admite mais práticas antigas e viciadas, deve seguir adiante, mobilizada e engajada, para reafirmar que também exige mudanças e que não admite governos e governantes que usurpem a sua soberania. A sociedade somos nós. Todos nós!



Construir relações de valor.
Esse é o nosso papel.

SINDICATO - A VOZ DA INDÚSTRIA

Maria Rita Passos Santana
Assessora de Relações Sindicais da FIEMG

A atual gestão do Sistema FIEMG trouxe uma maior aproximação e interação com os Sindicatos Empresariais. Para a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais, o fortalecimento dos 139 sindicatos filiados é uma meta constante, sendo desenvolvido vários trabalhos com nossos sindicatos, com o intuito de torná-los cada vez mais preparados e reconhecidos pela sua base.

Uma base sindical forte é sinônimo de uma indústria forte.

O associativo tem sido a marca dos sindicatos. Por meio dele a defesa de interesse, a representatividade junto aos órgão de interesse se darão de forma ampla e constante, além do suporte com produtos e serviços em todos as suas necessidades.

O SINPAPEL, com sua missão de promover e defender os interesses da indústria está alinhado com esses objetivos, e nestes 75 anos vem atuando de forma ética, transparente e empreendedora.

Com importantes e grandes empresas filiadas, trabalha vigorosamente com a sua base o desenvolvimento do setor por meio de seminários, capacitações, simpósios e congressos, que trata de temas de interesse da indústria.



A comunicação do SINPAPEL com seus associados é destaque, tendo suas ações indicadas para o Prêmio Boas Práticas da FIEMG em 2016 e da CNI em 2018. Através do site, informativos online e impresso, o sindicato não só coloca à disposição das empresas os serviços e assessorias disponíveis, mas também mostra suas atividades realizadas, incentivando ainda mais o associativismo. A sustentabilidade sindical é um ponto relevante para os sindicatos e o SINPAPEL vem desenvolvendo um excelente trabalho neste sentido.

Não podemos deixar de mencionar que por trás de todas as ações realizadas e reconhecimento obtido pelas empresas está a Diretoria do Sinpapel, sempre atuante pelo setor.

E nós, da Assessoria de Relações Sindicais, sendo a ponte, apoio e suporte entre as demandas dos sindicatos com o Sistema FIEMG, não poderíamos estar mais orgulhosos de comemorar o sucesso dos 75 anos do SINPAPEL.

Temos grandes desafios, mas juntos, Sistema FIEMG e sindicatos podemos transformar o cenário atual e gerar ainda mais competitividade para a indústria.

Que venham os próximos 75 anos!



2016



2018

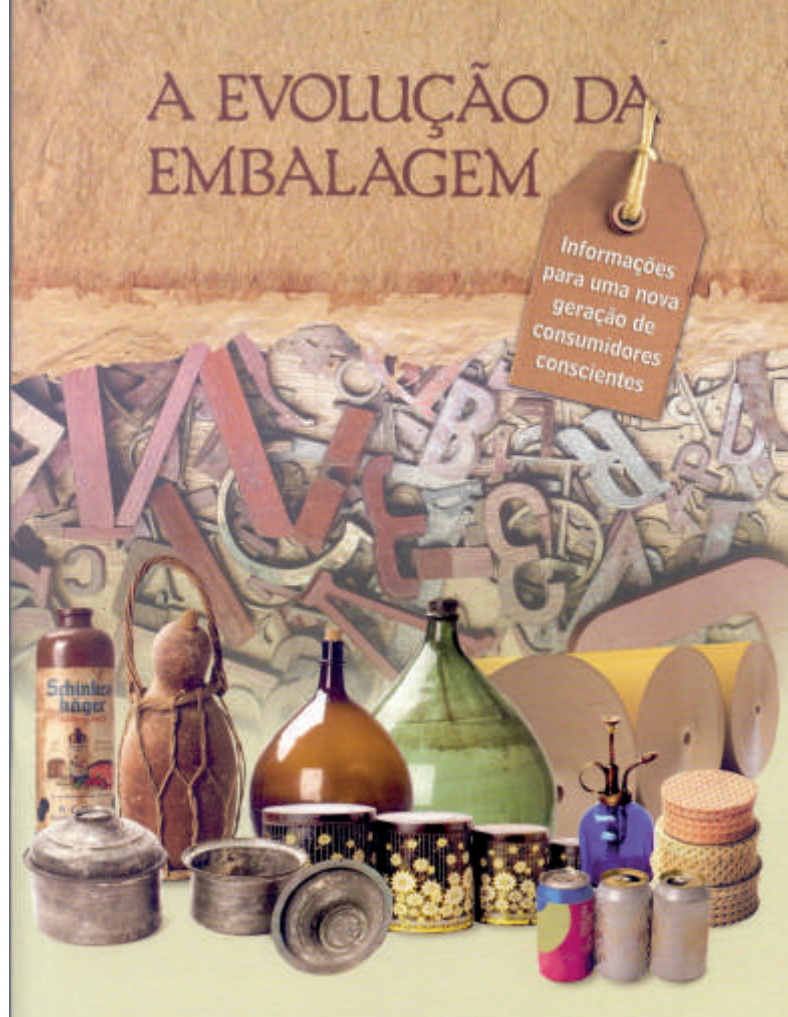
A EVOLUÇÃO DA EMBALAGEM

A iniciativa da edição da cartilha “**A Evolução da Embalagem**”, publicada em 2007, nasceu dos debates realizados durante as reuniões dos associados do SINPAPEL – Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel e Papelão no Estado de Minas Gerais. Chegamos à conclusão de que devíamos envidar esforços no sentido de valorizar os produtos e embalagens de matriz celulósica, mediante a divulgação de informações para os consumidores brasileiros, proporcionando-lhes conhecimentos para uma atitude crítica do consumo e formação de opinião.

O conteúdo da cartilha percorre a linha do tempo - das cavernas aos dias atuais, explora o ciclo de vida de cada material - de onde vem cada material e para onde vão, passa pelo desenvolvimento das embalagens até o descarte, com explicação do que é um lixão e como são os aterros sanitários, e assim, são propostas ações educativas permeadas por informações técnicas e sociológicas sobre todos os substratos utilizados como embalagens pela sociedade atual. A função primordial é a de despertar em cada pessoa que ler este trabalho, a vontade de ir além, pesquisar, conscientizar e participar de práticas de consumo consciente e responsável dos recursos naturais do nosso planeta.

O texto procura valorizar o trabalho e inteligência das pessoas que, de forma sustentada plantam florestas, extraem celulose, produzem o papel e suas embalagens e depois as coletam e reciclam em um ciclo que forma a cadeia da reciclagem.

A sociedade de consumo, que promove a circulação de artigos de massa e bens descartáveis, tem bem menos de 100 anos. Tendo essa consciência, informar aos jovens cidadãos e cidadãs para os efeitos colaterais que impactam o presente de nossa sociedade, é atitude



sábria e prudente. Devemos fazer isso urgentemente para que nossos descendentes tenham a possibilidade de herdar um mundo melhor.

Foi um trabalho conjunto, construído a várias mãos, coordenado por Nícia Mafra e contou com a colaboração na pesquisa e elaboração do texto por Deborah Munhoz. As contribuições técnicas imprescindíveis para um trabalho com informações fidedignas foram dadas pelo Presidente do SINPAPEL – Antônio Eduardo Baggio. Os objetos que ilustraram a cartilha são da coleção do Museu do Cotidiano de Antônio Carlos Figueiredo, o projeto gráfico de Sylvia Yokoo e ilustrações de Leandro Mafra Spolaor. Sua edição só foi possível pelo apoio dos patrocinadores e o lançamento foi realizado na inauguração do Centro Mineiro de Referência em Resíduos – CMRR.

Foram produzidos 35.000 exemplares, distribuídos para as principais escolas do Estado de Minas Gerais, e também em diversos eventos. Esta publicação atesta o compromisso do SINPAPEL com atitudes de responsabilidade socioambiental que antecipam a Política Nacional de Resíduos Sólidos-PNRS (Lei 12.305/2010), e a posição do setor de papel como pioneiro no processo de reciclagem e desenvolvimento da matriz celulósica, como material de característica sustentável, pois é 100% renovável, 100% reciclável, 100% biodegradável e 100% compostável.



Lançamento 2007

CECOTEG

Qualificação Profissional

Inaugurado em 1976, nas dependências da unidade do SENAI-Horto, em Belo Horizonte, o CECOTEG é uma escola especializada em qualificar mão de obra para as indústrias dos setores embalagem, gráficos, design, comunicação, audiovisual e games, composta por oficinas de trabalho e um laboratório de análises de papel e papelão ondulado.

Especificamente na área de flexografia, o SENAI CECOTEG busca reproduzir as condições e tecnologias que serão encontradas pelos estudantes nas indústrias. Desde 2005, a escola conta com uma impressora rotativa banda-larga FEVA, de quatro cores com excelente capacidade produtiva e de reprodução de cores em diversos tipos de papéis e materiais plásticos. Além deste equipamento, estão disponíveis para os estudantes uma impressora de duas cores plana para papelão ondulado e um equipamento de corte e vinco. Os alunos dos cursos de Aprendizagem Industrial, Aperfeiçoamento e Qualificação em Flexografia utilizam estes materiais diariamente, sendo preparados para assumir postos produtivos nas indústrias do setor.

O histórico de formação dos alunos vem trazendo excelentes resultados para a unidade: uma boa absorção dos profissionais formados nas empresas contratantes e a já tradicional participação e consequente premiação no Prêmio Qualidade Flexo Prof. Sérgio Vay, promovido pela ABFLEXO.



Reunião de Diretoria realizada na unidade Cecoteg em Novembro de 2018

Além dos cursos, a unidade oferece também uma série de serviços técnicos e tecnológicos para a indústria, com destaque para as consultorias técnicas e produtivas para a indústria gráfica e de papel e papelão, onde procura-se identificar e sanar problemas técnicos e de organização produtiva, elevando a qualidade, a conformidade e produtividade industrial. Projetos de design estratégico, design de produto, design gráfico e interativo são um motor de diferenciação estratégica ao alcance das indústrias através de editais de inovação do SENAI e outros projetos de fomento.

O desempenho e o reconhecimento do SENAI CECOTEG é um demonstrativo da competência de sua equipe de profissionais para a capacitação de mão de obra para as indústrias da impressão flexográfica no nosso Estado.



PRESIDENTES SINPAPEL

Presidentes que contribuíram para o crescimento e fortalecimento do SINPAPEL



Lauro Gomes
06/1943 a 03/1949



Custódio A. Fonseca
04/1949 a 05/1951



Renzo Antonini 05/1951 a 05/1954
05/1956 a 05/1959



Fábio Campos Matta 05/1954 a
05/1956 - 05/1959 a 05/1963



Osvaldo Dalabela Bicalho
12/1963 a 12/1973



Murillo Giannetti 12/1973 a 12/1976
12/1979 a 12/1985



América Giannetti Filho
12/1976 a 12/1979



Ricardo Antônio C. Figueiredo
12/1985 a 12/1987



Heitor Luiz Villela
12/1987 a 12/1997



Milson Sebastião de S. Mundim
12/1997 a 12/2000



Cledison Itaborahy
12/2000 a 12/2003



Vitor Vieira dos Santos
Presidente Honorário



Antônio Eduardo Baggio
Presidente atual gestão

LOGOMARCAS

Evolução da logomarca do Sindicato no decorrer dos tempos



Sindicato das Indústrias de Papel, Papelão e
Cortiça do Estado de Minas Gerais



Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel e
Papelão no Estado de Minas Gerais
Fundado em 18 agosto de 1943



Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel e
Papelão no Estado de Minas Gerais



Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel e
Papelão no Estado de Minas Gerais



Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel e
Papelão no Estado de Minas Gerais



Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel e
Papelão no Estado de Minas Gerais



Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel e
Papelão no Estado de Minas Gerais



#NossoOlharSocial

promove integração e sustentabilidade

Por meio do Instituto CENIBRA realizamos investimentos em ações que fomentam a geração de trabalho, projetos de educação, cultura, cidadania e esporte.

O futuro
presente em
cada ação



FESTAS E CONFRATERNIZAÇÕES

Por Silvana Vargas
Cerimonial Fiemg

Para mim é uma satisfação e uma grande alegria, ter a oportunidade de contribuir para a realização dos eventos do SINPAPEL por tantos anos.

É sempre uma boa parceria, apoiada no objetivo de vencer desafios e realizar bons eventos, com profissionalismo e alegria. Durante estes anos todos, contei sempre com as atitudes positivas do SINPAPEL, que ajudou a tornar os projetos mais fáceis de serem executados e sempre transformando eventuais dificuldades em grandes oportunidades de aprendizado e evolução. Sempre com o intuito de

construir um ambiente favorável à confraternização, com elegância e economia.

Realizamos juntos muitos eventos como jantares, posses, inaugurações, encontros e seminários, mas o evento que mais me marcou foi o lançamento da pedra fundamental do Condomínio Industrial do Papel de Lagoa Santa, em dezembro de 2005 devido a distância e desafio da logística e montagem do almoço e saber que hoje aquele terreno de chão batido acolhe indústrias importantes que geram empregos fundamentais para a economia da cidade de Lagoa Santa.

Que Deus continue a iluminar com o brilhantismo e conduta ética a vida dos profissionais do SINPAPEL.



2009



2010



2013



2016



O projeto do CIP-Condomínio Industrial do Papel nasceu da necessidade das empresas se alocarem em espaço adequado ao desenvolvimento das suas atividades fabris e que também favorecesse o atendimento dos requisitos das legislações ambientais, trabalhistas e de segurança e do compartilhamento de custos de operação entre os Associados.



2003-Foto da reunião de definição dos participantes



2004-Foto do lançamento da Pedra Fundamental

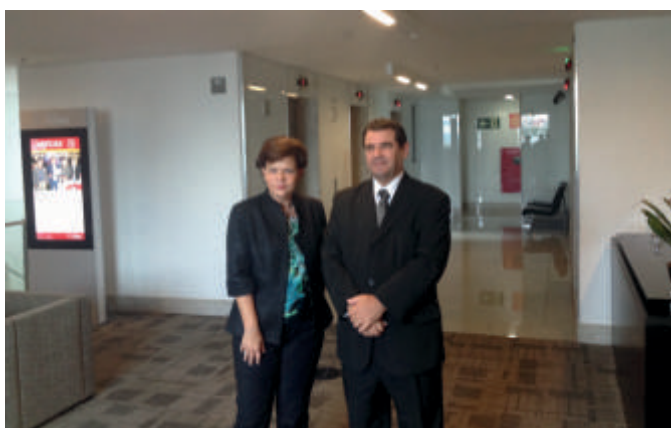


2005- Foto da primeira reunião no local



2008-Foto da Primeira unidade em construção

ASSOCIAÇÕES



Presidente do IBÁ à época, em visita ao Sinpapel em 2015, recepcionada pelo Vice Presidente Financeiro Augusto César Fávero Lima



ABTCP 2017 –Presidente Antonio Eduardo Baggio, foi homenageado pela ABTCP, pelos relevantes serviços prestados ao setor durante a última década

MÉRITO INDUSTRIAL



2003 - Cledison Itaborahy
Perfil Embalagens



2004 - Roberto Nicloau Jeha
Ind. São Roberto



2005 - Delvan de Lima Telles
Inpa



2006 - Milsom Sebastião de Souza Mundim
Setorial Embalagens



2007 - Fernando Henrique da Fonseca
Cenibra



2008 - Romano Barbieri Filho
Embalagens Barbieri



2009 - Antônio Eduardo Baggio
Imballaggio



2010 - Antônio Adonias Santos Borges
Del Papéis



2014 - Augusto César Fávero Lima
Inpa

MISSÕES INTERNACIONAIS



Alemanha 2012



Colômbia 2017



Las Vegas 2017

REUNIÕES



Café com Idéias - 2006



Compre Bem - 2011



Fale Direto - 2014

REUNIÕES ITINERANTES



Inpa - Pirapetinga



Regional Centro Oeste – Divinópolis



Regional Vale do Rio Grande - Uberaba



Cenibra - Belo Oriente



Ipapéis – Passa Quatro



Ind. São Roberto - Santa Luzia

O Sinpapel representado pelo presidente Antônio Eduardo Baggio participou presidindo a CIBF em dois momentos distintos.

No primeiro, quando da reativação da CIBF em 2012.

CIBF - 2012



E no segundo momento - cumprindo palavra de voltar a presidir a CIBF - para complementação de mandato em 2017.

CIBF - 2017



**AQUI CABE UM FUTURO
MAIS SUSTENTÁVEL.**
Papel, a embalagem da bioeconomia.



Klabin

www.klabin.com.br

FEIRAS



Minaspapel 1999



3º Seminário de Artes Gráficas 2002



Fenapel 2005



ABTCP 2006



Embalaminas 2007



Feira Super Minas 2008

PUBLICAÇÕES



Sinpapel Online



Sinpapel Notícias



Site Sinpapel



Cartilha: A Evolução da Embalagem

Janeiro

02	Alexandre de Miranda Gonçalves	Casa Sol
16	José Amaro	Cepelma
19	Carlos Alberto Gonçalves Bastos	Seccar
21	Bruna Baggio	Imballaggio
23	Danilo Freitas Duarte Magalhães	Cenibra
24	Márcio Mariani	Ascipapel
26	Maike José Rocha	Embacol
31	André do Nascimento	Perfil

Fevereiro

05	Pedro Luis Brandão	Tecpel
14	Michelle C. Barbieri Guimarães	Cartonagem Líder
21	Catarina Isaura Fonseca	Papéis Fátima
22	Mário Lúcio da Silva Pereira	Cenibra

Março

02	Ariana Santos R. Ferreira	Sbam tubos
04	Magna Catão	Tocantins
05	Márcio José de Paula	MM Embalagens
05	Paulo Felício	Ponte Nova Papéis
15	Aparecida Gonçalves Bastos	Seccar
16	Alexsandro Alves Bandeira	Lib
21	Gustavo Ferreira	Celulose Irani
21	Hélcio Augusto F. Silva	Sbam tubos
22	Fabiola Campolina Barbieri	Embalagens Barbieri
22	Fabício Campolina Barbieri	Embalagens Barbieri
23	Mário Pinto de Oliveira	Diretor Trabalhista
25	Isabel Nogueira Carneiro	Sbam tubos
26	Victor	Cepelma
30	Rosângela Aparecida H. Alves	Minaskraft
31	Adermo Oscar Costa	Cenibra

Happy Birthday

Troque o eca pelo ECO.

PETBAG.
O jeito prático, higiênico e ecológico de recolher o cocô do seu pet.



Aprovado pela Luisa Mell

O melhor amigo do passeio do seu pet.



vendas@petbag.eco.br

100% Biodegradável 100% Reciclável
100% Renovável 100% Compostável

Patente Petbag: WIPO/PTC/BR-2015/000097.
Um produto Imballaggio®.

petbag.eco.br petbagoficial petbag_oficial

SAC PETBAG® (31) 3297-3737